



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JEAN DOS SANTOS GOMES

**EPISTEMICÍDIO E AFROCENTRICIDADE NO CURSO DE
PEDAGOGIA – CFP/UFRB: REFLEXÕES E PROPOSIÇÕES**

**AMARGOSA - BA
2018**

JEAN DOS SANTOS GOMES

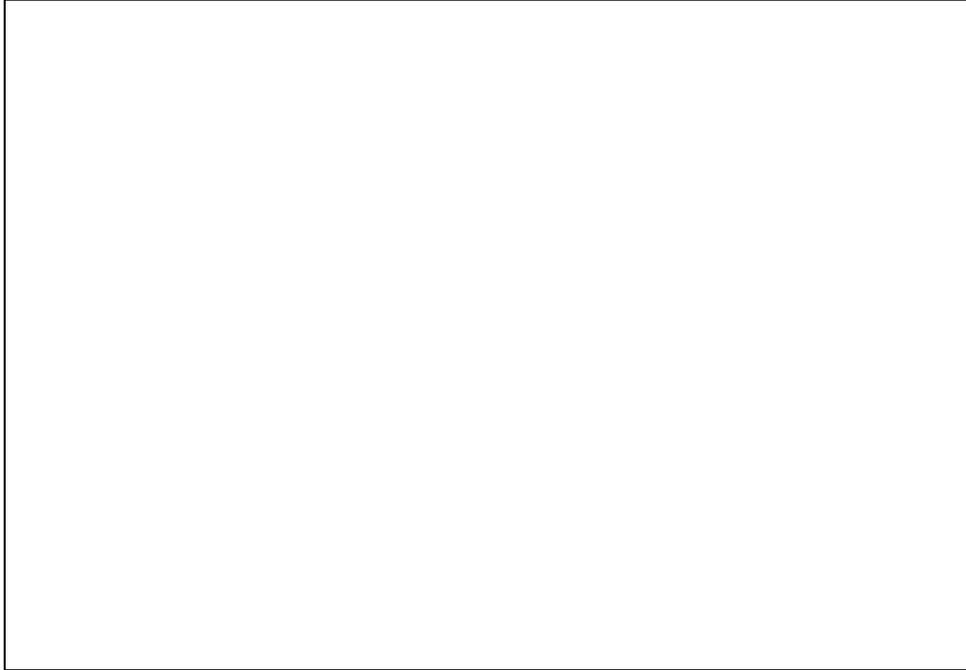
**EPISTEMICÍDIO E AFROCENTRICIDADE NO CURSO DE
PEDAGOGIA – CFP/UFRB: REFLEXÕES E PROPOSIÇÕES**

Monografia apresentada ao Colegiado da Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Formação de Professores, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Carlos Adriano da Silva Oliveira

**AMARGOSA - BA
2018**

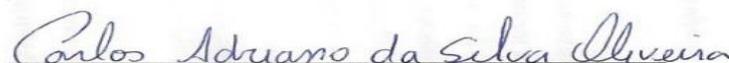
Ficha Catalográfica:

A large, empty rectangular box with a thin black border, positioned below the text 'Ficha Catalográfica:'. This box is intended for the user to enter or print a catalog card.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

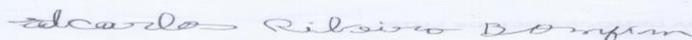
COMISSÃO PARECERISTA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE JEAN
DOS SANTOS GOMES



Prof. Me. Carlos Adriano da Silva Oliveira
Universidade Federal do recôncavo da Bahia - UFRB
ORIENTADOR



Prof. Dr. Anália de Jesus Moreira
Universidade Federal do recôncavo da Bahia - UFRB
PARECERISTA



Prof. M. Edcarlos Ribeiro Bonfim
Universidade Federal do recôncavo da Bahia – UFRB
PARECERISTA

Prof. Dr. Gabriel Swahili Sales de Almeida
Universidade Federal da Bahia - UFBA
PARECERITA

TCC HOMOLOGADO PELO COLEGIADO DO CURSO LICENCIATURA EM
PEDAGOGIA, CONFERINDO O TÍTULO DE LICENCIADO EM PEDAGOGIA PARA
JEAN DOS SANTOS GOMES.

APROVADO EM _____

À minha mãe, Dona Bia, o seu amor é meu combustível diário para que eu possa conseguir na minha vida até mesmo o impossível. Amo-te cada vez mais Rainha/Deusa.

A meu Pai Pascoal Gomes e minhas irmãs Jamile Gomes e Jeane Gomes por tudo na vida.

AGRADECIMENTO

À Deus, a Olorum, aos Orixás, a ancestralidade negra, a Jhá, a Tupã, enfim, as forças divinas da qual nossa materialidade se torna insignificante frente aos mistérios da espiritualidade, do mundo. Daquilo que não é mensurável, nem manuseado.

À minha família - representada pela minha avó, Dona Antônia e meu avô, seu Preto, ambos (*in memória*) – que sempre foram os alicerces dessa família.

As minhas tias: Dona Crispina Santos, Damiana Santos, Jucelia Santos, Marinalva Santos e Neide Santos.

Aos meus amigos de infância do bairro Arenoso em Salvador - representado por Adelmo Barreto, Alan Macedo, Bruno Santos, Eliene Pereira, Marina Barbosa, Taislane Barreto – que me recordam saudáveis lembranças.

Aos meus amigos da querida Amargosa - representados por Adriano Santos, Esdras Souza, Emerson Diego, Gisele Cruz, Rogério Oliveira, Manoel de Jesus (Zinho, barbearia chegue +), Neilson Santos (Curior), Neia Cruz, Odiney Carvalho, Luciano Nheery (Paco), Valney Oliveira e Wagner Silveira - que compartilhei muitas resenhas e me ajudam a caminhar.

Aos meus professores - representados por Carlos Adriano Oliveira (meu orientador) e a Mariana Meireles - que fazem da sala de aula um lugar de militância, emancipação e protagonismo social do alunado.

As minhas colegas de turma por todo carinho e possibilidade de aprendizagem compartilhada.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, e aos colegas e professores que compuseram esse coletivo.

Ao diretório acadêmico de Pedagogia - DAP, especificamente as minhas colegas da chapa, Adriana Cruz, Edna Lima, Fernanda Almeida, Iria Barbosa e a Lucinaldo. (melhor pessoa).

A Irmandade Sankofa - representados por Adriana Costa, Caliane Conceição, Cacirlene Correia, Carlos Danilo (Carinhosamente Carlinho), Cel Borges, Danila Santana,

Esdras Oliveira, Rosana Santos, Ramon Santos, Robervaldo Neri, Jorsy Santana, Luís Ferreira, Lucas Góes, Shirlen Souza, Manoel Neto, Valney Oliveira - meu muito obrigado. Eu sou porque nós somos UBUNTU!

Ao núcleo Akofena - representados por Edcarlos Bonfim, Samy Uhuru, Paulo Reis, Francine Alves, Aduni Ferreira - pelas profundas reflexões na militância. Todo poder ao povo Preto 4P 4P.

Ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – representado pelos estudantes da primeira turma, os quais eu tive o privilégio de conhecer e compartilhar momentos.

Por fim, gratidão!

Mamãe, eles não viram que eu estava com
roupa de escola?

(Marcos Vinicius da Silva, 21 de Junho de 2018)

RESUMO

GOMES, Jean dos Santos. **Epistemicídio e Afrocentricidade no curso de Licenciatura em Pedagogia do CFP/UFRB: Reflexões e proposições.** Monografia (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do recôncavo da Bahia, Amargosa, 2018.

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC) é fruto das inquietações, anseios e trajetórias enquanto intelectual negro, subversivo e inconformado. A produção tem o objetivo de analisar as dimensões da ausência/silenciamento da produção epistemológica afrocentrada no curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores – CFP/UFRB, em Amargosa-BA. Para tanto, a metodologia utilizada concerne com uma aproximação das vivências, considerando elementos de uma epistemologia afrocentrada ou que dialogue - Asante (2009) Mazama (2009) Fanon (2008) Nascimento (2009) Junior (2016) - estruturada por uma abordagem de pesquisa qualitativa, revisão de literatura e análise documental. O recorte teórico está orientado pela discussão sobre epistemicídio fundamentado nas produções de Santos (2010; 2007) e Carneiro (2005), também apontamos os impactos das Universidades Ocidentalizadas - Grosfoguel (2016) - e seus efeitos para o sepultamento e silenciamento das produções que não fazem parte do cânone eurocêntrico. Destarte, a reflexão assinala e propõe a importância do compromisso com a verdade histórica sobre um povo. E, dessa forma, reconheça na educação um dos campos imprescindíveis para ampliar o potencial e capacidade para o combate necessário ao racismo.

Palavras chave: Educação, Racismo, epistemicídio, afrocentricidade.

ABSTRACT

GOMES, Jean dos Santos. **Course of Licenciatura in Pedagogy of the CFP / UFRB: Reflections and propositions.** Monography (Undergraduate) - Teachers' Training Center, Federal University of Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2018.

The present work of conclusion of course (CBT) is the result of restlessness, yearnings and trajectories as black intellectual, subversive and nonconformist. The production has the objective of analyzing the dimensions of absence / silence of the epistemological production afrocentrada in the Pedagogy course of the Center of Teacher Training - CFP / UFRB, in Amargosa-BA. In order to do so, the methodology used concerns an approach of the experiences considering elements of an afrocentrado epistemology - Asante (2009) Mazama (2009) Fanon (2008) Nascimento (2009) Junior (2016) - structured by a qualitative research approach, literature and documentary analysis. The theoretical clipping is guided by the discussion about epistemicide based on the productions of Santos (2010, 2007) and Carneiro (2005), we also point out the impacts of the Western Universities - Grosfoguel (2016) - and their effects on the burial and silencing of productions that do not are part of the Eurocentric canon. Hence, the reflection points out and proposes the importance of the commitment to the historical truth about a people. And, in this way, recognize in education one of the indispensable fields to increase the potential and capacity for the necessary combat to the racism.

Keywords: Education, Racism, epistemicide, afrocentricity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Análise documental

Quadro 2 - Trabalhos monográficos realizados no CFP/UFRB (2010 - 2013)

Quadros 3 - Objetivos do PPC da licenciatura em Pedagogia CFP/UFRB (2008 - 2018)

Quadro 4 - Habilidade e competências PPC da licenciatura em Pedagogia CFP/UFRB (2008 - 2018)

Quadro 5 – Componentes curriculares de história CFP/UFRB

Quadros 6 – Componentes das ciências sociais CFP/UFRB

Quadro 7 – Componentes centrais ao estudo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – CONVITE	12
CAPÍTULO 1: MARES TRANQUILOS NÃO PRODUZEM BONS MARINHEIROS: DEBATE SOBRE A TRAJETÓRIA	19
CAPÍTULO 2: EPISTEMICÍDIO E AFROCENTRICIDADE NA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA (CFP/UFRB)	27
2.1- Do epistemicídio.....	27
2.2 - Da afrocentricidade.....	33
CAPÍTULO 3: DO MÉTODO AFROCENTRADO	39
3.1- Afrocentricidade: características básicas para uma compreensão disciplinar.....	39
3.2 - Consciência e agência: categorias fundantes para uma teoria afrocentrada.....	41
3.3 – Procedimentos metodológicos: o lugar enquanto interconexão da pesquisa.....	43
CAPÍTULO 4: A COISA TÁ É BRANCA!?: O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS NA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA (CFP/UFRB) / 2012 -2016?	47
4.1 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) – monografias da licenciatura em pedagogia (CFP/UFRB).....	47
4.2 Projeto pedagógico do curso (PPC) da licenciatura em pedagogia (CFP/UFRB).....	50
4.3 Planos de curso da licenciatura em pedagogia (CFP/UFRB) e possibilidades pedagógicas sobre o prisma afrocentrado.....	58
CAPÍTULO 5: DAS CRÍTICAS À AFROCENTRICIDADE: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA	70
AQUELE QUE APRENDE ENSINA: DAS CONSIDERAÇÕES	74
REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO – CONVITE

Sensação, sensacional
 Sensação, sensacional
 (ei)
 Sensação, sensacional
 Firma, firma, firma
 Fogo nos racista

Sensacional
 E sensação,
 sensacional
 Sensação, sensacional
 Firma, firma, firma
 Fogo nos racista
**Olho de Tigre (perfil
 #22) Djonga**

Desde criança as interrogativas para as questões do mundo são parte inerentes à condição existencial de qualquer indivíduo, muitas “curiosidades” são respondidas com o passar do tempo, outras encontramos respostas na ciência, tais como: por que o céu é azul? Por que chove? Porque a água do mar é salgada? Contudo, algumas indagações da vida não são respondidas, outras amadurecem e fazem parte de nós, quando somos adultos pensamos que iremos supera-las, no entanto parece que a cada dia fica mais latente e difícil uma resposta plausível. Ocorre um estágio em nossas vidas que as curiosidades se tornam problemas reais. Na minha¹ modesta compreensão de mundo o racismo drasticamente perpassa todos esses estágios.

No entanto, há um momento que revertemos à pergunta e ponderamos não mais de forma exógena (de fora do mundo para dentro de si), mas de cunho endógeno (de dentro de si para o mundo lá fora), ou seja, deixamos de nos perguntar por que o racismo existe? Onde surgiu o racismo? Qual a gênese do que Moore (2011) chama de protoconsciência racializada?² Por que a humanidade é tão cruel? E de fato em contrapartida, perguntamos o que eu posso fazer para mudar isso? O que as escolas ou universidades podem fazer para

¹ É importante dizer que no texto me apresento na primeira pessoa, no entanto, há também momentos na terceira pessoa, considerando que há uma compreensão política que somos sujeitos individuais e coletivos.

² Ver: A humanidade contra si mesma para uma interpretação epistemológica do racismo e de seu papel estruturante na história e no mundo contemporâneo, Artigo apresentado no “II Fórum Internacional Afro-colombiano”. Bogotá, 18 de Maio de 2011.

reverter ou erradicar toda penúria acometida ao racismo? Por que mais ninguém questiona, ou questiona? Qual projeto de sociedade posso defender e instruir a construir? Será que posso? Nesse sentido, são algumas dessas indagações pessoais que movem essa pesquisa e impulsionam a refletir metaforicamente como diz a letra da música no preâmbulo introdutório sobre a necessidade de colocarmos *fogo nos racistas*, na estrutura, no sistema, como fez os escravizados com os engenhos de açúcar.

Como justificativa acadêmica, entendo que não posso me furtar de apresentar os anseios e angústias individuais em relação às implicações sobre a ausência de autores e autoras negras no curso de pedagogia nas experiências de formação, com efeito, não é da minha natureza flunar nos espaços feito passarinho, simplesmente de forma distraída, principalmente se tratando do povo negro. E na academia, não pode e nem deve ser diferente. Assim, se torna crucial fomentar e pulverizar as questões em torno do epistemicídio, acreditar aos estudantes outros repertórios de saberes que são subjugados, negligenciados e silenciados, portanto; desvendar o mundo negro germinando os saberes que por ora parecem “inexistes” nesse espaço de poder, que também é estratégico para utilizarmos ao nosso favor e garantirmos o real sentido da palavra denegrir, isto é, tornar negro. Nesse contexto, é lucido afrocentrar e permitir pensar em outros currículos, outros projetos pedagógicos, repensar e analisar o curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores - CFP, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, - UFRB. Além de oportunizar e fomentar esse debate que se faz tão urge no rol acadêmico.

Em termos sociais, o referente trabalho pretende contribuir para o reconhecimento e ascensão de um conhecimento que foi historicamente sepultado e sujeitado, e infelizmente ainda é. Assim, tem a responsabilidade e capacidade de dá visibilidade a quem tem voz, evidenciando uma epistemologia “inovadora” e inter cruzando diretamente com a realidade do povo do recôncavo. Por isso, aqui, para melhor entender a historiografia de resistência e constituição do árduo processo de circulação geográfica da presença negra nessa região, desde a pré-abolição até a pós-abolição considerando as tensões e conflitos que foram cruciais para a ambiência escravista da época e suas consequências para o povoamento em distintos lugares do recôncavo - forçados - devido às tentativas de se deslocarem dos arraigados ambientes de eternos escravizados aos olhos dos seus malditos senhores é importante consultar a obra de Walter Fraga Filho (2006) intitulada *Encruzilhada da liberdade: História de escravos e libertos da Bahia (1870-1910)*. Que apresenta tempos de mudanças com a crise do açúcar e a relação entre ex-escravizados e ex-senhores e as inevitáveis tensões, as estratégias criadas

para sobrevivência e as novas relações de trabalho, se impõe também como uma contranarrativa à visão romantizada do 13 de Maio.

Portanto, são muitos os trabalhos que aprofundaram a discussão sobre esse lugar cunhando uma representatividade digna e honrosa para esses milhares de homens e mulheres que foram retirados/sequestrados do seu berço civilizatório, ou seja, da mãe África. Contudo, precisamente, sobre o Município de Amargosa, conhecida como - Cidade Jardim - devido às muitas praças e o monumental jardim localizado no centro da cidade, a qual pertence ao território de identidade do Vale do Jequiçá³ que contempla mais de 20 municípios. É crucial ver o trabalho intitulado *(Re) Criando Identidades: Amargosa, de pequena São Paulo à Cidade Jardim (1930 a 1950)* desenvolvido pela autora Jaqueline Argolo Rebouças (2013). Outrossim, se destaca o trabalho *A Região de Amargosa: Transformações e dinâmica atual (Recuperando uma contribuição de Milton Santos)* do Robson Oliveira Lins (2007), abordando as perspectivas históricas da região desde o apogeu com o café no início do século XX até seu declínio, conseqüentemente, revelando as transformações que formaram Amargosa.

Desse modo, é tal qual dizer, que todo contexto ou lugar não pode ser posto como marginal ou menos importante. A contextualização é para apontar de onde o olhar parte como já foi anunciado, com isso, a perplexidade e dinamismo do lugar e seu efeito a nível global emerge o pensamento prudente do grande geógrafo brasileiro Milton Santos (2010), que em seu livro *Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal*, amplia o debate em torno da produção desenfreada de pobres e excluídos (sabido que são majoritariamente os negros/a) mascaradas com uma ideologia de progresso universal, mas que só beneficia uma minoria dominante (essencialmente a supremacia brankkka⁴).

Por isso, trazer suas reflexões oportunamente é um brinde para compreender os limites de uma globalização perversa existindo o que denomina de esquizofrenia do lugar. Ou melhor, a compartimentação e fragmentação deste, assim assevera, Santos (2010, p. 81) “Hoje, com a globalização pode-se dizer que a totalidade da superfície da terra é compartimentada não apenas pela ação direta do homem, mas também pela sua presença

³ Ver a definição dos Territórios de Identidades através da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia – SEPLAN no site: <http://www.seplan.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17> acesso em 08/06/2018 às 15h03min.

⁴ Assim como fez Assata Shakur, utilizando o K para se referir em seus textos à Ku Klux Klan (KKK), organização racista e protestante norte americana que prega ódio aos africanos. Aqui, toda vez, que aparecer o kkk em vez de C é uma referência aos racistas e toda supremacia brankkka existente no Brasil.

política. Nenhuma fração do planeta escapa a essa influência”. Dessa forma, percebe-se que essas ocupações tomaram proporções injustas incalculáveis para alguns povos, para isso, observamos as imigrações contemporâneas como exemplos reais das forças malignas obstinadas de quem impunham a manutenção do poder.

Recentemente, repercutiu na mídia mundial um suposto caso de racismo xenofobia⁵ (no que eles chamaram de palavrão) proferido pelo presidente da maior potência mundial no formato capitalista, os Estados Unidos da América – EUA, em uma reunião com parlamentares para tratar da lei de imigração nos EUA, assim, segundo foi veiculado e corroborado mais tarde por pessoas que estavam no momento da reunião que foi privada principalmente à imprensa. Donald John Trump havia perguntado, por que ele deveria aceitar imigrantes de “países de merda” ao invés de aceitar países como a Noruega? Esses países de “merda” seriam o Haiti, El Salvador e países do continente africano.

Mesmo o presidente negando, vindo dele não é novidade, pois não é a primeira vez que Trump realiza essas atrocidades, são muitas as polêmicas desde seu discurso de pronunciamento para a candidatura presidencial. Infelizmente essa é a mentalidade que nitidamente rege no imperialismo dos EUA há muito tempo. Há o aval racista que ecoa no cotidiano apático dos EUA, a polêmica só reacende o discurso que converte o continente Africano em terra de ninguém, deplorável, posta a sorte e as guerras. Afinal, cadê os direitos humanos? (perguntar não ofende!).

Lamentável que aja a hierarquização e fragmentação geográfica. O desmerecimento e desfalecimento de uma parte específica da superfície em detrimento de outra, isto é, a total centralidade. Portanto, se furtar a isso é desconsiderar o que Milton Santos (2010) cunhou “o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula; o segundo seria o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade; e o terceiro o mundo como ele pode ser: uma outra globalização”, Santos (2010, p. 18)

Para tanto, nesses termos, a condição de fábula já não nos contempla porque a situação que vivemos nas favelas, quebradas, guetos, vielas, a vida vivida no mundo, não nos permite estarmos no mundo encantado, onde tudo é lindo e maravilhoso, desperceber para nós é irreal, pois a vida é dura e a sobrevivência é temerosa. O mundo como ele é: perverso. É o que assistimos, sentimos e compadecemos, em definição, não enxergamos o fim do racismo. O

⁵ Ver uma das matérias no site <https://www.dn.pt/mundo/interior/donald-trump-recorre-ao-calao-para-insultar-haiti-el-salvador-e-paises-africanos-9042164.html> acesso em 12 de Julho de 2017 às 15:03min.

mundo como pode ser: é aquele que deveria ser galgado em princípios humanitários e dignos a todos os povos. Olhando para nós seria esse mundo afrocentrado?

Posto que, conceber uma forma de caminhar mais fidedigna e plausível ao talento e genialidade de um povo. A saber, disseminando conhecimento preto no território mais preto fora do continente Africano. Todavia, representamos mais de 80 % da população da Bahia⁶, compreendendo a região em torno da Baía de Todos os Santos, ou seja, o recôncavo e sua capital Salvador. Isto posto, ousou lhe perguntar meu leitor: há um escopo mais pertinente que este? Dessa forma, que trilho esse percurso metodológico.

Nesse sentido, este trabalho possui a seguinte *questão problema*: Qual a dimensão da presença/silenciamento da produção epistemológica afrocentrada no curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores – CFP/UFRB? Assim sendo, como *objetivo geral* o estudo pretende: Analisar a dimensão da presença/silenciamento da produção epistemológica afrocentrada no curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores – CFP/UFRB. Para tanto, como *objetivos específicos* elencamos: 1) Apresentar uma breve trajetória do pesquisador e seu percurso acadêmico; 2) Realizar análise documental, especificamente das monografias, planos de curso e Projeto Pedagógico do Curso (PPC) compreendendo como documentos cruciais para o desenvolvimento e resultado da pesquisa; 3) Apresentar o paradigma afrocentrado como alternativa possível para o desenvolvimento das atividades pedagógicas através do currículo, logo, vislumbrar uma justa renascença africana.

Ponderando sobre esse último, é interessante ver a reflexão da professora Narcimária Correia do Patrocínio Luz, no que ela chama de entulho ideológico racista, em seu texto, intitulado *É preciso africanizar a universidade*⁷, onde a autora argumenta e propõe uma epistemologia africano – brasileiro,

[...] estabelecendo nas universidades tensões e conflitos através da subversão à ordem dos discursos acadêmicos-científicos positivistas que estruturam a política de embranquecimento estratégia do racismo no Brasil [...] a epistemologia africano-brasileira nos fortalece para não sucumbir face às imposições espaço-temporais da onipotência narcísica universitária. Estamos nos referindo a narrativas que detêm uma sabedoria milenar que atravessa os tempos (LUZ, 2013, p. 180)

⁶ Ver: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-03/os-467-anos-de-salvador-cidade-mais-negra-fora-da-africa> acesso em 13 de julho de 2018 às 09h: 48min.

⁷ Educação, região e territórios: formas de inclusão e exclusão/Jaci Maria Ferraz de Menezes, Elizabete Conceição Santana, Mariado Sacramento Aquino, Org. Salvador: EDUFBA, 2013.

Destarte, não obstante, partindo de uma lucidez afrocentrada, almeja-se uma crítica severa sobre o eurocentrismo no curso de Pedagogia tendo como deslumbramento e exclamação a reverberação do continuísmo pedagógico esdrúxulo que a princípio, se não fosse o rigor metodológico, diríamos que era um axioma anunciado, ou seja, em uma lógica seria indispensável sua comprovação por ser tão óbvia, se tratando nesse caso, do próprio racismo. No entanto, a academia tem seus “caprichos”, por isso, para essa reflexão, surge esse Trabalho de Conclusão de Curso - TCC: *Epistemicídio e Afrocentricidade no curso de Licenciatura em Pedagogia – CFP/UFRB: Reflexões e proposições*, do qual, a estrutura veremos, a seguir:

No primeiro capítulo, aborda-se a trajetória acadêmica do pesquisador de forma minuciosa e trazendo ao debate elementos que foram decisivos para a reflexão afrocentrada, partindo da infância em um bairro violento de Salvador, ao mesmo tempo, encarado como uma grande escola para a vida. Ou seja, a saída de Salvador para morar em Amargosa como traz no capítulo foi marcada por muitos esforços, contudo, a escola nunca foi posta de lado, e apesar dos entraves, a tentativa de entrar no nível superior ocorreu com êxito. Assim, dentro e fora do curso de Pedagogia evidencia o percurso e as articulações e engajamento no movimento negro, movimento estudantil, a participação em projetos de pesquisa e de iniciação à docência, experiências essas fundamentais para o rumo e ações imputadas pelo autor nesse trabalho e suas escolhas epistemológicas.

No segundo capítulo, apresentamos brevemente o conceito de epistemicídio em paralelo com uma música que traduz através do rap a situação e sentimento de muitas crianças ao não se perceberem representadas nos espaços escolares. A superação do silenciamento e negligenciamento mostrar-se por intermédio de outra forma de conceber ciência, isto é, a alternativa elencada é o paradigma afrocentrado correspondendo aos seus princípios e compreensões interdisciplinares, a sua metodologia e críticas externas.

No terceiro capítulo, desliza-se sobre o lugar de pesquisa e procedimentos metodológicos observando com prudência o curso de Pedagogia no CFP/UFRB, através dos instrumentos legais que o assegura, mas observando e tendo como base as características básicas na miragem afrocentrada para uma compreensão disciplinar, enxergando na consciência e agência categorias essências para a afrocentricidade. Este exercício é um tirocínio pernicioso ao supremacismo inculcado nos lugares e instrumentos de poder, desfigurar essa parafernália europeia talvez seja a mais complexa atividade intelectual proposta ao analisar informações do curso e seu contexto existencial.

No quarto capítulo é realizada uma imersão sobre os documentos. Além do levantamento das monografias que dialoguem com a proposta do trabalho ou se afunilem a perspectiva ousada que surge da abordagem afrocentrada. No afã da reflexão foi necessário analisar e atestar o conteúdo que reza os documentos, entender qual a dimensão e alcance da discussão racial para o povo preto, perpassando pelo Projeto Político Pedagógico (PPC) da Licenciatura em Pedagogia, ementas e planos de cursos, a fim de identificar aspectos da afrocentricidade declarados ou silenciados no texto, ou ao menos, perceber a forma distribuída. Assim, tendo em vista sua constatação, doravante o capítulo é crucial para os desdobramentos do trabalho.

No quinto capítulo é discutido as críticas frequentemente realizadas a afrocentricidade e seus desdobramentos na execução, suas limitações e possibilidade, suas lacunas enquanto paradigma, a suposta ausência de rigor científico, o desejo fiel por uma África idealizada. E, por fim, adentramos as considerações com uma profunda reflexão de uma pedagogia afrocentrada ser possível para o povo preto, seja através da mudança da escola atual, ou o empenho para idealização e materialização de outra escola que atenda nossos anseios e corresponda a magnificência de um povo. Pensar a educação escolar afrocentrada é romper com o epistemicídio nos bancos escolares e Instituições de nível superior, é permitir pensar a partir e com o continente Africano, por isso, convidamos-vos para essa reflexão e partilha de inquietações.

CAPÍTULO 1 – MARES TRANQUILOS NÃO PRODUZEM BONS MARINHEIROS⁸: DEBATE SOBRE A TRAJETÓRIA

É o negro drama
Eu não li, eu não assisti.
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama.
Eu sou o fruto do negro drama.
(Negro Drama, Racionais MC's)

Sou da geração que fazia do saco plástico uma chuteira para os pés, da geração que desfiava (assim mesmo que falávamos), sacos de náilon para fazermos linha de arraia, da geração que orgulhosamente falava e fala que é favela, mas não de boca (gíria local). Portanto, essas palavras iniciais são para dizer que sou cria do Arenoso, bairro periférico da capital baiana, ou melhor, quilombo urbano⁹ de Salvador “*in loco*” contrapondo a ideia de fugido materializado pela lógica eurocêntrica ao agregar uma considerável concentração de remanescentes da cultura afro-brasileira, com trajetórias próprias, relações territoriais singulares, e presunção da ancestralidade negra. Onde o contexto é tenso e temeroso pela violência, mas também cativante ao ponto de haver um sentimento real de pertencimento e amor de quem ali vive.

Como nem tudo são flores, as circunstâncias para permanecermos em Salvador não foram boas, assim, considerando que a maioria da família residia em Amargosa-BA. Viemos para o interior, não diferente, morarmos em um bairro com as mesmas características, talvez não na mesma proporção, mas intercruzando sujeitos afins, com os mesmos traumas, seja pelo tráfico, desigualdade ou cor da pele.

Aos dezesseis anos de idade estava eu em Amargosa no ensino médio, sem nenhuma perspectiva, ir para a escola era simplesmente porque os mais velhos diziam: *Vá estudar para não dá para ladrão*. Hoje eu compreendo que quem mais nos roubam, os ladrões em sua maioria são reconhecidos como pessoas “inteligentes”, donos do saber, intelectuais de ternos e gravatas. Contudo, escutei de um professor que eu tinha potencial e deveria fazer o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Assim fiz, tendo como espelho o próprio docente, adiante, agarrei o que estava mais próximo, adentrei no curso de Licenciatura em Pedagogia e aqui estou até então, certo de que fiz uma boa escolha.

⁸ Proverbio africano.

⁹ Importante Ver: o decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, assinado pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

A discussão proposta é oriunda das minhas reflexões e trajetória acadêmica enquanto intelectual negro, quilombado, subversivo, inconformado, e, sobretudo, militante. Dizer os percursos e caminhos de vida que foram percorridos, se caracteriza para além de um debate ou uma conversação entre mim e o leitor, mas, como uma apresentação deste indivíduo que se constituiu e aprendeu a ser sujeito. Sujeito da sua própria história, resultado do processo árduo, duro, perverso e inacabado do negro drama. Ou seja, é o resumo da experiência que se impõe através da sobrevivência insurgente. Para tanto, com a agudez de delinear os pormenores testemunhais para entender essa identidade¹⁰ ou “identidades¹¹” que por ora narrativamente paira como transgressora. Assim, com toda humildade e sensatez esse sou Eu.

Quem fala mais um sobrevivente, como canta os Racionais’ Mc em sua música, Capítulo 4 versículo 3¹² - grupo formado no final da década de 80 por 4 jovens negros na periferia da grande São Paulo denunciando através de suas letras o racismo, e a condição da juventude negra nas favelas do Brasil - não obstante, *A marcha fúnebre prossegue*¹³ como também canta o respeitado rap brasileiro Eduardo Tadeo, conhecido pela rigidez e “agressividade” das suas letras, Eduardo é compositor, palestrante e escritor.

Para tanto, antes de penetrar no interím da discussão preferível do trabalho, me sinto na responsabilidade e obrigação de discorrer sobre duas experiências marcantes na vida universitária, a primeira como coordenador do Diretório Acadêmico de Pedagogia – DAP, órgão representativo dos estudantes da Pedagogia, o qual tem como objetivo contribuir com o movimento estudantil e promover a integração dos seus membros, além de defender e manifestar-se publicamente em nome do corpo estudantil. Estar no DAP me proporcionou uma formação política - liderança - e maior familiaridade com os instrumentos burocráticos da Instituição, e companheirismo com os (as) colegas.

Dos caminhos percorridos e ações realizadas por esse grupo de estudantes a frente do DAP, destacamos rodas de conversas e discussões sobre: o Projeto Político do Curso - PPC, o

¹⁰ Ver: MUNANGA, Kabengele. Negritudes e identidades negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso? Conferência de abertura proferida no III Pensamento África e Suas Diásporas – Encontro de Antropologia e Educação – I Seminário Municipal de Formação de Professores Para relações Étnico-Raciais – Organizado pelo Núcleo de estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Ouro Preto – de 26 a 28 de setembro de 2012.

¹¹ Ver: HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

¹² Discografia: Racionais MC’s. Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Costa Nostra, 1997. Para melhor compreender a importância do grupo é salutar conhecer os diversos trabalhos produzidos no Brasil, entre artigos, dissertações e teses, vale ler o artigo do ROCHA, Eduardo. “Programado pra morrer” a vida e a morte da juventude negra. In: PINHO, Osmundo. Vargas, João. (org) Antinegritude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira – Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

¹³ Discografia: A marcha fúnebre prossegue (2002)

Regulamento do Ensino de Graduação da UFRB, encontro com representante discente na Câmara de Graduação do Conselho Acadêmico – CONAC, participação em reuniões do Colegiado do Curso de Pedagogia e do Conselho Diretor do Centro, reuniões de articulação entre os Diretórios Acadêmicos dos Cursos de Licenciaturas do Centro de Formação de Professores – CFP, entre outras ações que consolidaram nossa atuação.

O segundo momento que perdurou por quatro anos e que sou bastante grato, foi a minha participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência - PIBID¹⁴, especificamente no subprojeto de Pedagogia: A organização do trabalho pedagógico no contexto das classes multisseriadas¹⁵, projeto este que dimensionou minha inserção no campo da pesquisa e da iniciação à docência.

Mas, uma vez que, estando inserido nesse contexto e acreditando na máxima de *juntar o útil ao agradável* me predispus a realizar a monografia envolvendo a temática das escolas do campo, principalmente, as classes multisseriadas com seus lemas, desafios, problemas, conquistas, experiências negativas e positivas. No entanto, fazer parte desse projeto não foi suficiente para permanecer imbuído e comprometido enquanto pesquisador da temática - talvez faltasse tesão - é necessário ir além do “vestir-se a caráter” e do tema-conveniência como corriqueiramente acontece com os pleiteadores dos mestrados da vida, ou seja, pessoas historicamente inexistentes no debate racial, ora surgem como salvadoras e resolutas do câncer chamado de racismo.

Graças! Feito uma sinalização de regulação ou advertência não de trânsito, mas ancestral, fiz essa curva acentuada em prol das respostas as perguntas e inquietações que para minha trajetória de vida eram muito maiores como informalmente dizia os meus colegas *tem mais a sua cara, tem tudo a ver com você, Jean*, metaforicamente é similar a uma força centrífuga que tende a jogar o veículo para fora da curva, mas que em contrapartida ocorre a força centrípeta que tende a jogar o veículo para dentro da curva, porém, o que não pode acontecer é acidentes de percurso porque se recuperar é difícil.

Com efeito, ao longo dos meus mais de quatro anos na Universidade estive inserido em outros lugares de incansáveis discussões em relação às questões raciais e suas inúmeras vertentes. Nesse sentido, irei pontuar algumas experiências e vivências que me possibilitam

¹⁴ É um programa financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que oferece bolsas para estudantes de licenciaturas, visando proporcionar uma imersão e aproximação do estudante com o futuro campo profissional. Assim, melhorando a qualidade da educação pública em virtude de uma formação de excelência.

¹⁵ Projeto Coordenado pela professora Terciana Vidal Moura - CFP/UFRB, e o professor Fábio Josué Santos – CFP/UFRB.

conhecer outras epistemologias para além das usuais e engessadas de fidelidade eurocêntricas tão famigeradas na Universidade. Para tal, sinalizo com muito entusiasmo e orgulho a minha atuação enquanto militante do *Núcleo de Negras e Negros Irmandade Sankofa*¹⁶.

O núcleo foi criado em 2014 por dois estudantes do CFP, sendo Tairine Cristina Santana de Souza do curso de Pedagogia e Manuel Alves Araújo Neto estudante da licenciatura em Filosofia. Tendo como objetivo inicial realizar ações em uma perspectiva afrocentrada, nordestina e interiorizada. Dessa forma, a denominação Irmandade Sankofa foi estrategicamente pensada, isto é, Irmandade origina-se do Latin Germanitate que significa comunhão, comunidade, congregação de pessoas que partilham de objetivos em comum. A palavra Sankofa (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua Akan da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. Assim, Cumprindo o que se propôs a Irmandade Sankofa, iniciou em 2015 atividades que visavam alcançar comunidades negras de Amargosa.

Destarte, a primeira atividade realizada foi o *I Papo cabeça sobre Estética Negra na mídia*, onde esteve presente a professores Drº Dyane Brito, naquela ocasião, professora do CFP/UFRB e também como convidada Alane Reis, naquele momento, membro do *Coletivo de Estudantes Negros e Negras Akofena*, o qual tem como locus de atuação o Centro de Artes Humanas e Letras – CAHL, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, em Cachoeira/BA; Participamos no mesmo ano enquanto coletivo da abertura da *Conferência de Negritude – CONE*, organizada pela Professora Drº Dyane Brito; fizemos presença também em 2015 no *I encontro de Cine Clubes Comunitários*, na cidade de Cachoeira – Ba, evento organizado pelo *Cine do Povo*, tendo como objetivo enfatizar a importância dos trabalhos de bases nas comunidades negras.

Em seguida, participei no mesmo ano da *III Marcha Internacional Contra o Genocídio do Povo Negro* e circunstancialmente do *I Encontro de Formação e Organização Panafricanista Contra o genocídio do Povo Negro – EFOP*, ambas as ações realizadas pela *Organização Reaja ou será morto Reajá ou será morta*, objetivando combater o sistema racista e supremacista Brankkko que dilacera vidas de milhares de corpos negros através do aparato racista do estado. Com efeito, essas ações supracitadas realizadas pela organização não começam, tampouco encerram feito culminância. São frutos de uma série de outras ações, debates, articulações, trabalhos de bases em comunidades e presídios ao longo do ano, ou

¹⁶ Conheça o blog: <http://irmandadesankofa.blogspot.com.br/> acesso em 30 de julho de 2018 às 02h:38min

seja, a militância é diária. Além do apoio aos familiares de vítimas assassinadas pelo estado racista.

O EFOP se caracterizou como um espaço de autogestão formativo que reuniu sujeitos de diversas organizações Nacionais, como as Mães de Maio¹⁷ entre outros. E também Internacionais, recebendo mensagens de apoio dos países como: Estados Unidos, Chile, Colômbia, Espanha, Alemanha, França, Austrália entre outros. Dessa forma, tendo nas mulheres e mães o que a organização chama de comando vital. Saliento aqui, na ocasião, outro momento de dor, revolta e busca pela justiça quando nos dirigimos para a comunidade da Vila Moises, onde Rondas Especiais da Polícia Militar (Rondesp) executaram sumariamente como apontou indícios do Ministério Público (MP), 12 jovens negros e deixando 6 feridos naquele local. Apesar disso, os nove policiais envolvidos no crime foram um mês depois absolvidos do caso. A organização ergueu o memorial aos mortos do estado racista brasileiro, sendo o momento de lágrimas e desabafos de mães, irmãs e familiares. Devo dizer que foi uma das vivências que melhor potencializou minha percepção, compreensão e condição de homem preto sequestrado de África.

Assim, a partir desse contato com a *reaja* fui me permitindo e possibilitando a tomada de consciência a ponto de descortinar os olhares acerca da real situação que vivemos no mundo e, não obstante nesse país tórumo chamado de Brasil. Dado que, aprendendo com os mais velhos pode inferir que, infelizmente os círculos acadêmicos e as rodas de conversas “empoderadas” e “lacradoras”, não dão conta de combater as demandas de sobrevivência do nosso povo, estamos a morrer.

É crucial dizer que essa percepção não ocorreu simplesmente porque ouvi pessoas falarem ou porque ouvi dizer, mas, indiscutivelmente porque vivenciei também na pele, aliás, sinto e vivo na pele. Para tanto, iniciei ensaios sobre a descolonização do pensamento, ou diria, minha afirmação enquanto homem africano¹⁸ acarretando na aproximação aos princípios do pan-africanismo e da afrocentricidade teorias até então desconhecidas por mim,

¹⁷ Movimento fundado no estado de São Paulo – SP por mães depois do assassinato de 564 pessoas, com fortes indícios da participação direta de policiais nas chacinas daquele mês, o assombroso número de pessoas mortas e a negligência da justiça deu origem ao movimento que ficou conhecido como Mães de Maio.

¹⁸ O pan-africanismo argumenta que todo afrodescendente, tanto no continente africano como em qualquer parte do mundo, é africano. Somos africanos baseados na nossa formação biológica e na nossa condição social em todo lugar. Para ampliar o entendimento sobre é interessante Ver: Programa de Formação política Caderno de Formação básica – Nível básico, GT Panafricanista Movimento Negro Unificado – MNU 30 anos; SANTOS, Donizth Aparecida. *Panafricanismo e movimentos culturais negros*. ANACTA Guarapuava Paraná, v.8 n° 1 p. 67-68 jan./jan. 2007; APPIAH, Kawame Anthony. *Na Casa de meu pai: África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

corriqueiro, posto que há muito tempo, o *modus operandi* da supremacia branca historicamente causou feito um câncer maligno a obliteração do conhecimento africano.

Por conseguinte, o Sankofa em 2016 realizou e eu estive presente, juntamente com o Akofena alguns momentos de diálogos para pensarmos a política de cotas na pós-graduação considerando as demandas, realidades e os perfis dos estudantes de graduação da UFRB¹⁹, é importante dizer que dados publicados no portal da Instituição em seu aniversário de 12 anos demonstram que a maioria do seu público é de negros e pobres, correspondendo em números a 83% de autodeclarados negros em que desses 82% tem renda familiar de até um salário mínimo e meio. Contudo, a UFRB como marco e grande diferencial tem o respaldo de dizer que é a primeira Universidade do Brasil a criar especificamente uma Pró - Reitoria de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis - PROPAAE.

No entanto, é inadmissível que a política de cotas ainda em dois mil e dezessete não contemplou a pós - graduação na UFRB. É sabido, que Universidades com históricos um tanto conservadoras e atendimento a outro público “em vista da UFRB” já aplicam a Lei de cotas, por exemplo: A Universidade Federal do Tocantins – UFT; Universidade Federal de Roraima - UFRR; Universidade Federal de Goiás - UFG; Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e a Universidade Federal da Bahia - UFBA. Portanto, para a UFRB fazer jus ao “slogan” de Universidade autodeclarada mais preta do Brasil ela deve contemplar seu quadro de Técnicos administrativos; Professores e indispensavelmente seu Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, garantindo para além de formalidades e letras mortas a efetivação do que é amplamente propagado. Com isso, articulando aos estudantes, de fato, políticas de acesso, permanência e pós - permanência.

Não obstante, no mesmo ano participei na cidade do Rio de Janeiro, do *Encontro de Estudantes e Coletivos Negros do Brasil - EECUN*, como caravana foram do Recôncavo baiano os coletivos negros Akofena e Sankofa, além de outros sujeitos que compõe o movimento negro na região. Na ocasião, os milhares de estudantes de diversos estados do país, através de seus coletivos e grupos organizados discutiram os desafios, dilemas, possibilidades e estratégias de resistências para o povo preto permanecerem nas universidades, utilizando como palavra de ordem: *Fortalecer para sobreviver*.

Sinalizo estas vivências como motivações intrínsecas para sustentar o debate. Portanto, as questões que envolvam o povo negro todas as suas agruras pulsam em meu coração e me

¹⁹ <https://www.ufrb.edu.br/portal/noticias/4800-em-seus-12-anos-ufrb-comemora-maioria-negra-e-pobre-no-ensino-superior> visto às 03:30 min de 2017.

arrepiava profundamente feito uma comoção de pertencimento espiritual, algo que vibra e inquieta igualmente a justiça de Xangô²⁰.

Estive na condição de estudante da UFRB, e membro da Irmandade Sankofa compondo o Grupo de Trabalho (GT) instituído pela Portaria nº506 de 01 de junho de 2017, prorrogada pelas Portarias nº653/2017; nº745/2017 e nº977/2017. Que dispõe sobre o sistema de cotas raciais para o acesso e outras políticas de ações afirmativas para a permanência de estudantes Negros (as), quilombolas, indígenas, pessoas Trans (Transgêneros, Transexuais, Travestis) e Pessoas com Deficiência em todos os cursos de Pós graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

O GT foi formado pelos seguintes sujeitos: Professores - Georgina Gonçalves dos Santos (Presidente do GT), Rosineide Pereira Mubarack Garcia, Dyane Brito Reis Santos, Diogo Valença de Azevedo Costa, Osmundo Santos de Araújo Pinho e José Fernandes de Melo Filho; Discentes – Inasmin de Oliveira Gonçalves, Jean dos Santos Gomes e Edecarlos Ribeiro Bonfim. A professora Dyane Brito foi indicada, pelos demais membros, para ser a Relatora. A técnica-administrativa, Eliana Santos de Souza foi designada a Secretária do Grupo²¹.

As reuniões ocorreram conseqüentemente entre as datas de 19 de junho a 13 de novembro de 2017. Sendo oito reuniões realizadas até então. Ao término do documento, acreditamos que será possível a homologação com êxito dessa proposta tão cara e necessária para o povo do Recôncavo. Assim sendo, essas são experiências e vivências que não devem ser ignoradas porque demarcam veementemente a autenticidade da voz insubmissa de quem fala e escreve sua breve trajetória.

Quando não desperdiçamos esses relatos experienciais, implicitamente trazemos a tona como condição *sine qua non* a existência contígua de outros sujeitos em condições similares. É o argumento ou escuta que deduz e evidencia a realidade de tantos outros jovens homens negros que estão condicionados ao anonimato. Algo bem sucinto, real e profundo ao invés de longo. Mas, possível de não ser captado e compreendido no rol acadêmico pelos doutores (aqui não cabe todos/a) muito em virtude da assimetria entre a universidade e a rua.

²⁰ Para ampliar as reflexões em torno do candomblé e a educação, ver a recente tese do professor: SOARES, Emanuel Luís Roque. *As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação* – Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino traço, 2016. Onde o autor trabalha os conceitos de Exu como princípios de uma filosofia da educação, e do aprender. Na abertura do texto, o autor traz um pouco da primeira experiência que teve em uma cerimônia do candomblé justamente em uma festa para Xangô.

²¹ Portaria Nº 506, de um de Junho de 2017, UFRB.

Nesse sentido, discutiremos no próximo capítulo aspectos relativos ao paradigma afrocentrado e sua proposta analítica de conceber e perceber a África, entendendo a efervescência dessa abordagem para infundir outra pedagogia do aprender, observando as dimensões da afrocentricidade como aurora do trabalho, ao passo que sugere sem modéstia um sentido visceral a forma de pesquisar - Africa - em suas ramificações e implicações, difundidas não mais como um curta-metragem reduzido a trinta segundos da sua história, mas como um longa-metragem que requer uma dedicação e um tempo maior, talvez apreender em sua totalidade seja infinito para a nossa condição, humanamente não há tempo, somos efêmeros e o conhecimento de África ecoa para nós como gota no mar e grão na areia.

CAPITULO 2 - EPISTEMICÍDIO E AFROCENTRICIDADE NA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA (CFP/UFRB).

2.1 Do epistemicídio

A explosão não vai acontecer hoje. Ainda é muito cedo... ou tarde de mais.

(Frantz Fanon, *Pele Negra Máscaras Brancas*).

A palavra epistemicídio ecoa como um palavrão aos ouvidos de quem desconhece o significado do termo. Quando falava para muitos dos meus colegas o que pretendia desenvolver com o tema da monografia sempre era uma surpresa (com raras exceções) o espanto era recorrente mesmo eles estando inseridos no espaço acadêmico. Assim, demonstrando e reverberando explicitamente o quanto era incipiente o tema, apesar de que, em outras palavras a morte ou silenciamento de determinados conhecimentos em virtude de um suposto saber universal não é novidade, é histórico e naturalizado ao ponto de não nos reconhecermos enquanto povo.

A discussão sobre epistemicídio é reverenciada as produções de Boaventura de Souza Santos (2010; 2007)²², destacamos sua obra *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*, bem como suas formulações sobre o que denominou de o pensamento abissal e pós – abissal. Sobre isso Gomes (2017, p. 54) argumenta “pensamento esse presente na ciência moderna ocidental, que despreza, desqualifica e separa os saberes e conhecimentos produzidos fora do eixo Norte do mundo”. É sabido que a representação econômica e política do globo outrora já foram divididas em países do primeiro mundo (desenvolvidos), emergentes (em desenvolvimento) e subdesenvolvidos. Hoje, a representação mais difundida se pauta na linha imaginária que globalmente divide o mundo em Norte e Sul.

Os países do Norte são facilmente percebidos pelo elevado Produto Interno Bruto – PIB e pelos naipes históricos de acúmulo de riquezas. São identificados, normalmente pelos respectivos países: Estados Unidos, Japão e a inevitável União Europeia. Os países do Sul infelizmente apresentam condições debilitantes, tais como: pobreza, violação de direitos,

²² Sobre o autor é mister consultar também as obras: *Pela mão de Alice: o social e o político no Pós – modernidade* (1994); *Um discurso sobre as ciências* (1988); *Introdução a uma Ciência Pós - Moderna* (1989).

problemas sociais, dependência econômica, imperialismo, neocolonização, racismo (gritante), problemas ambientais em virtude da tamanha exploração, mas há também as restrições.

Infelizmente a produção do conhecimento em especial nos espaços legitimados, a exemplo das universidades, seguem padrões do Norte que reforçam e supervalorizam um saber que produz uma aguda inferiorização do Sul. Colocando-os no patamar de abnegados da história. Nesse sentido Boaventura de Souza Santos²³ argumenta,

Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível. (SANTOS Apud GOMES, 2017, p. 137).

Portanto, a produção da inexistência ou a inexistência da produção é fato consumado e na perspectiva racial apresenta um tom ácido além de exprimir uma concepção racista de conceber o mundo, observando que o continente africano é um dos mais prejudicados com essa onda de produzir massas “descartáveis” ou mesmo executá-las antes mesmo de fecundar qualquer tipo de conhecimento que fuja a norma Norte-Global e/ou Branco-Global.

Contudo, essas inestimáveis elucidações eloquentemente bem apresentadas por Boaventura Santos também foram pensadas em outros contextos por autores e autoras negras também com outro formato de raciocínio não-sobre, mas-com. Bem como: bell hook, Abdias Nascimento, Suely Carneiro entre outros. No ensejo, é importante trazer a discussão da Suely Carneiro sobre a anulação da produção intelectual negra através dos dispositivos de racialidade/biopoder que inversamente consolida a supremacia brankkka, Carneiro (2005).

Destarte, o deboche nas universidades sobre o dito essencialismo (não ciência) das pesquisas que se afirmam no campo das questões étnico-raciais inflama a dicotomia entre o militante-intelectual X acadêmico-intelectual. Ou seja, sinaliza Carneiro (2005, p. 60) “Os pesquisadores negros em geral são reduzidos também à condição de fonte e não de interlocutores reais no diálogo acadêmico, quando não são aprisionados exclusivamente ao tema do negro.” Deste modo, nos chocamos novamente com o epistemicídio em suas diversas formas de racismo - finíssimas - justo aos seus provedores.

²³ Ver: O Movimento Negro educador saberes construídos nas lutas por emancipação / Nilma Lino Gomes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Sob orientação do próprio Boaventura de Souza Santos.

Não obstante, ao nos deslocarmos para o chão da escola básica, palco dos horrores pedagógicos e mutilações da identidade negra dos educandos através dos estereótipos negativos que conduz a uma crise existencial e síndrome do não-perfeito. Aquele (a) que poderia ser o Outro que não é você mesmo. Sendo influenciado e bancado pelos próprios recursos didáticos em sua maioria da própria escola, quando o docente que intencionalmente ou involuntariamente reproduz o racismo institucional, nesse sentido, seguindo a norma do discurso desonesto branquial (risos) que diz: - *vocês negros enxergam racismo em tudo, até onde não tem*, a fim de somar ao texto a excelente dissertação da professora Ana Célia da Silva (2010), intitulada *a Discriminação do negro no livro didática*, onde ela traz valorosas contribuições acerca do quanto prejudicial a escola paradoxalmente pode se tornar quando não se atenta às rejeições por ela mesma construída.

O livro didático é crucial para analisarmos perfeitamente como é desenhada a representação do negro na sociedade, a doença do branqueamento não é maligna quando prevenimos com antecedência ou identificamos ainda em um estágio não avançado. Em seu trabalho, Silva (2010) traz as variáveis do fracasso escolar causado também pela discriminação/racismo disfarçado de um certo bullying e/ou brincadeira de criança, que desumaniza os alvos fáceis dessa desagradável situação.

São várias as manifestações que desumanizam os negros encontrados e apontados pela autora, tais como: ausência de passado, desenraizado, sem família, sem nome (mas com apelido), assimilação a animais, principalmente, macacos como algo recorrente, (quando não é porco), excluídos, crianças más e desobedientes, atribuição de ruim aos cabelos crespos, papéis de “baixo” prestígio, a mulher negra como doméstica e o homem em condição de trabalho braçal, e também recorrente a condição de escravizado (SILVA, 2010).

Esses são alguns dos absurdos que circulavam nos livros estudados pela autora e professores-sujeitos. O interessante da sua obra que além da crítica ocorreu o trabalho de desmistificar e dá outro sentido aquilo que por ora era equivocado. É importante acrescentar à reflexão uma canção denominada Pedagoginga²⁴ do rap carioca Thiago Elniño, onde ele dá um foco em sua letra à educação, abordando, principalmente, elementos da religião de matrizes africanas e a desigualdade social como um dos fatores do epistemicídio. Em um dos trechos da música, a letra diz:

Orumila joga os búzios para ver

²⁴ Assistam ao vídeo na íntegra: www.youtube.com/WaTcH?v=IEM-zYi7hcs, além de Thiago Elniño, Sant e KMKZ assinam a música, contando ainda com instrumental do beatmaker Scooby.

Que futuro ia ter a ave que enfrentou o Oxossi
 Índio guerreiro que era justo, que era forte
 Que pra defender o povo tinha apenas uma
 Uma flecha em sua posse
 E que mostrou que o impossível não era improvável
 E o que não era tranquilo se fez favorável
 E uma hora cês vão ver o inevitável
 Nossa fé é imensurável e transforma dor em motivação
 Pra superar, tanta humilhação.
 Atravessar o oceano para tramar na sua plantação
 Café, algodão, cana, escravidão.
 Alforriam o nosso corpo, mas deixam as mentes na prisão.

Em um tom severo, a música aponta aspectos do racismo religioso, (diferente do preconceito religioso como corriqueiramente é romantizado essa discussão), a necessidade de evidenciar os deuses africanos, as divindades afro-brasileiras são notáveis, tendo em vista a cristalização do cristianismo como verdadeira religião do povo brasileiro inculcada nas escolas e mentes desde a chegada dos jesuítas - diga-se de passagem - religião responsável por tamanha barbaridade. Em outro trecho, Thiago amplia ainda mais sua crítica e sua revolta com a escola:

Não! Abre logo a porra do cofre
 Não tô falando de dinheiro, eu falo de conhecimento.
 Eu não quero mais estudar na sua escola
 Que não conta a minha história, na verdade me mata por dentro.
 Me alimento da sabedoria de entidades de terreiro
 Sou guerreiro da falange de ogum, zum zum zum capoeira mata um, mata mil
 Pedagogia na troca de informação
 Papo de visão, nossa construção.
 Passa por saber quem somos e também quem eles são
 Não entrar em conflitos que não tragam solução
 Evitar a fadiga, não dar um passo em vão.

O essencial para compreendermos o contexto e real significado dá música é necessário entendermos um pouco da história do cantor, Thiago na sua infância cometeu alguns delitos em uma banca de revista, onde pegava alguns Gibis de revistas em histórias em quadrinhos no apetite de matar a fome das leituras que lhe deixavam encantados, porém, não tinha como pagar. Certo dia, foi surpreendido pelo proprietário que ao contrário da reação brava, procurou entender a situação da criança convidando-o para conversar, dessa forma, passou a doar livros para o garoto que hoje é Pedagogo e Rap de influência nacional.

Quando o cantor versa e canta: *eu não quero mais estudar na sua escola /Que não conta a minha história /na verdade me mata por dentro*, ele está denunciando severamente o sistema e apontando um dos motivos responsáveis por esse fracasso escolar, consistindo em não se reconhecer. Portanto, esse distanciamento da escola com a realidade e contexto dos educandos principalmente nas instituições públicas deve delegar muita atenção da comunidade escolar. Adiante, em um diferente trecho da música o rap desabafa novamente:

Mano, vou te falar ein, ô lugar que eu odiava
 Eu não entendia porra nenhuma do que a professora me falava
 Ela explicava, explicava, querendo que eu
 Criasse um interesse num mundo que não tinha nada a haver com o meu
 Não sei se a escola aliena mais do que informa
 Te revolta ou te conforma com as merdas que o mundo tá
 Nem todo livro, irmão, foi feito para livrar
 Depende da história contada e também de quem vai contar
 Pra mim contaram que o preto não tem vez
 E o que que o Hip Hop fez? Veio e me disse o contrário
 A escola sempre reforçou que eu era feio
 O Hip Hop veio e disse: “Tu é bonito pra caralho”
 O Hip Hop me falou de autonomia
 Autonomia que a escola nunca me deu
 A escola me ensinou a escolher caminhos
 Dentro do quadradinho que ela mesmo me prendeu

O protesto dos jovens negros é realizado na maioria das vezes através das artes, o principal desses instrumentos de desabafo é o Hip Hop, o qual tem sua gênese por volta de mil novecentos e setenta nos guetos de bairros pobres dos EUA, nesse sentido, formou-se alguns pilares indispensáveis no cenário cultural que completam o entendimento dessa cultura negra, além do rap, o Dj, breakdance e o graffiti dão a característica ao Hip Hop.

Por conseguinte, percebemos a força do Hip Hop quando nos deparamos com letras dessa magnitude, quando enxergamos nas paredes das escolas e ruas o grafite que expressam seus anseios diante de uma vida sofrida ou exalta a grandeza do seu povo, quando o DJ através da batida convida os jovens para um ritmo envolvente que anestesia as tristezas e chagas da vida, quando o breakdance permite que o corpo fale. Ou seja, são sinais que apontam o Hip Hop como ferramenta pedagógica possível para a ação de minimizar o epistemicídio, cabendo ser introduzida nas escolas para qualificar a aprendizagem e aproximar da linguagem dos jovens.

Entretanto, em uma dimensão não um tanto singular, mas atinente à forma mundial de pensar e afirmar o epistemicídio, dessa forma, as linhas seguintes, a fim de coroar essa discussão e ampliar proporcionalmente o horror do epistemicídio refletido nas estruturas epistêmicas contemporâneas, abordará em uma perspectiva histórica as categóricas análises que evidenciará o monopólio ocidental, desde a autoridade do discurso até o genocídio físico de milhares de pessoas sub-humanizadas. Para tanto, compartilharemos das fontes e severidade argumentativa do professor do departamento de estudos étnicos da Universidade de Califórnia Ramon Grosfoguel (2016), que suplicando por representação de seus textos, desaliena com o artigo denominado *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios ao longo do longo século XVI*, a concepção restrita de encarar a magnitude assombrosa e vergonhosa da história mundial. O autor se sustenta no que chama de os quatro genocídios/epistemicídios ocorridos ao longo do século XVI²⁵, respectivamente:

- Contra os mulçumanos e judeus na conquista de Al-Andalus em nome da “pureza do sangue”;
- Contra os povos indígenas do continente americano, primitivo, e, depois, contra os aborígenes na Ásia;
- Contra africanos aprisionados em seu território e, posteriormente, escravizados no continente americano;
- Contra as mulheres que praticavam e transmitiam o conhecimento indo-europeu na Europa, que foram queimados vivos sob a acusação de serem bruxas.

Nesse sentido, “esses quatro genocídios foram ao mesmo tempo formas de epistemicídios que são partes constitutivas do privilégio epistêmico dos homens ocidentais”. (GROSFOGUEL, 2016, p. 32) percebemos que confrontar, evidenciar e elencar esses fatos pode-se dizer que, portanto, dá um sentido vital, é o ápice de uma reflexão. Observando o mundo e a história, sobretudo, a humanidade. Ora, advogando uma tomada de consciência, utilizando como guia para esboçar outra história.

Todavia, não por acaso, esse quarto genocídio que diz sobre a situação da mulher foi drasticamente transformado na história, aqui, centrando na potência que detinham enquanto

²⁵ Ver: GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas Universidades Ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016.

referências ao resguardarem de forma organizacional e ancestral todo saber produzido. Para tal, “a perseguição dessas mulheres começou na Baixa Idade Média. Entretanto, intensificou-se nos séculos XVI e XVII, com o advento das estruturas “modernas, coloniais, capitalistas, e patriarcais” de poder.” (GROSFOGUEL, 2016, p. 42).

Portanto, as várias facetas tristes da história incluem a caça as bruxas, o que culminou na morte de milhares de mulheres, principalmente, quando o cristianismo transforma-se em uma ideologia dominante utilizada pelo Estado, isto é, o mal da cristandade. No caso em questão, observando o vasto conjunto de saberes transmitidos de gerações a gerações, por intermédio da oralidade. Em disparidade, “os “livros” eram os corpos das mulheres e, de modo análogo ao que aconteceu com os códices indígenas e com os livros dos mulçumanos, elas foram queimadas vivas”. (GROSFOGUEL, 2016. p. 42).

Em virtude disso, infelizmente, reafirmamos o epistemicídio e suas formas que purgam a sombria história e as experiências espaciais/temporais, que drasticamente ecoa na distorcida teoria de uma minoria de homens ocidentalizados. Espoliando essas feridas e chagas irrefutáveis, é possível pensarmos em uma epistemologia não ocidental? Por conseguinte, ousadamente trabalharemos na subseção, a seguir, com a perspectiva do paradigma afrocentrado e sua instrução de entender e conceber o mundo. Compreender que a afrocentricidade é uma alternativa pedagógica para combater o epistemicídio.

2.2 Da afrocentricidade

A proposta é pensada e esquematizada para rompermos a lógica posta da reprodução constante e imperiosa da mesmice acadêmica. Lógico, considerando a experiência formativa de quem vos fala e escreve, com isso, tendo seu fundamento e caminhos metodológicos galgados na possibilidade de transgredir a infestação eurocêntrica da forma e mentalidade racista de conceber ciência. Todavia, Ancorando numa perspectiva indispensavelmente negra, porém necessária. O paradigma afrocentrico (ASANTE, 1987).

Em consonância e corroborando com Mazama, aponta-se que, “a afrocentricidade surgiu como um novo paradigma para desafiar o eurocêntrismo responsável por desprezar os africanos destituiu-os de soberania e torna-los invisíveis – até mesmo aos próprios olhos”. (MAZAMA, 2009, p.144). Esse paradigma afrocentrado de pensamento tem sua gênese na conduta descabida realizada pela supremacia branca no processo de contação da pseudo-história dos milhares de povos do globo, ou seja, apenas um grupo se incumbiu de dizer qual

foi à história do mundo. Mesmo que isso custasse à escamoteação de uma parte significativa, eu diria da maioria de um povo.

Para tal, convalidar esse cenário perverso e racial aos olhos de um novo paradigma de ciência torna-se aparentemente algo inelutável, porém certo que com a pujança, coragem e convicção que temos, desfigurar esse panorama epistemológico trivial será imprescindível para tocarmos no intocável, para esmiuçar a noção vigente, principalmente, equivocada.

Ao ludibriar e controlar o povo metaforicamente falando feito marionetista²⁶, mas não com cordas e sim com palavras é tão manipulador quanto o boneco ou figura animada que é conduzida e pretendida pelo seu animador. O grande diferencial são os detalhes de quem e quais circunstâncias estão, a exemplo, dos responsáveis que manipulam os bonecos estarem de forma ocultas atrás de uma tela, ou cortina. No entanto, no caso do legado histórico deixado pelas pessoas, não há cortinas ou telas para encobrir, sabemos perfeitamente quem são os “genuinamente” falsários, ou seja: os brankkkos²⁷ racistas.

Na proporção que trazemos ao cerne outra proposta analítica de estudar e vê o mundo, aproximamos das nossas origens e matrizes culturais de conceber o mundo. Isto é, matamos paulatinamente o europeu racista que foi engendrado em nós. Entretanto, há casos que devem ser considerados, a exemplo das instituições que são seitas acadêmicas, verdadeiras clichês metodológicos. Onde fugir disso é sinal de distanciar do cânone intelectual, dessa forma, muitos pesquisadores são domesticados a serem os pretos da casa grande como sagazmente dizia Malcon X em seus discursos se referindo a pretos fiéis aos seus algozes igualmente cães que tomam conta da casa grande do seu dono, mas devem ficar do lado de fora no sereno à noite.

O “escrevo o que eu quero”, do grande revolucionário do povo Sul-africano Steve Biko é inibido quando se trata do círculo vicioso da perspectiva de produzir conhecimento. Se rebelar contra esse sistema por ora é igual para nadar contra a maré, porém, certo que surfaremos nesse mar quando tomarmos tudo que é nosso. Não obstante, a obra já mencionada do Frantz Fanon, *pele negra máscaras brancas*, submetida para obtenção do doutorado foi subjugada e recusada pela banca julgadora com os argumentos de inconsistências metodológicas, mas é sabido que eles ansiavam um enfoque positivista. Logo, desqualificar era praxe.

²⁶ Aquele que controla as marionetes atrás da cortina.

²⁷ Aqui ponderamos sobre aquela máxima que diz: nem todo preto é meu amigo e nem todo branco é meu inimigo.

Posteriormente, ao ser publicado trouxe a luz o seu pensamento sobre o sequestro (diáspora) africano, descolonização, literatura, filosofia entre tantos outros assuntos peculiares. Logo, suas mensagens, reflexões são imperativas e a negligência com seus escritos custarão caro ao povo preto, assim, como tantas outras produções descartáveis nos programas de mestrados, doutorados e até mesmo nas escolhas de temas monográficos. Para tanto, as pesquisas têm forjado os (as) negros que eles querem, corroborando e reafirmando o colonialismo epistemológico. Fugir aos males da caixinha (pode até ser a caixinha mitológica da pandora, analisando seus males e tragédias para a humanidade), mas a caixinha aqui é a universidade mesmo.

Gerir uma investigação pautada nos princípios e finalidades maiores da afrocentricidade que é a libertação plena dos sujeitos africanos em todo mundo, exige uma imersão e desprendimento, como Assinala Asante (2009),

O afrocentrista não deve ter pressa em adotar métodos eurocêtricos que fracassem quando se trata de avaliar os fenômenos africanos. Fazê-lo significaria que o pesquisador acabaria enredado na prisão mental construída por métodos falidos. Creio que os afrocentrista podem se valer de referências culturais africanas a fim de construir instrumentos para uma análise mais efetiva da realidade (ASANTE, 2009, p. 107).

Nesse sentido, “cumprir tabela” não é o forte e características dessa abordagem, no entanto, caminha paulatinamente como um antídoto para a patologia europeia. Com efeito, Asante (1998 apud MAZAMA, 2009, p. 117) compartilha deste ponto de vista ao afirmar “a afrocentricidade questiona a maneira pela qual você chega a qualquer empreendimento humano concebível. Ela questiona a abordagem que você faz a respeito de ler, escrever, fazer *jogging*, correr, comer, manter a saúde, ver, estudar, amar, lutar e trabalhar”. Isto posto, é de se perceber que a essência da afrocentricidade está na busca embebida por explicações que saciem essa presunção do sistema operacional científico devotado ao Universal. Um verdadeiro deslocamento e realocação que supere as “grades” metodológicas eurocêtricas.

Essas máximas dão à ideia dos problemas existentes que caminharam fascinantes para a cova conceitual que culminou na *missão – racista – científica* da abissal condição histórica africana no mundo. Em uma diretiva instrução, Mazama (2009) traz poderosas reflexões sobre a importância de pensarmos estratégias eficazes e que acertadamente nos contemple, firma uma prudência sobre a utilidade prática e o valor da potência respeitosa entre o homem e a mulher africana. Dessa forma, compartilhando e referenciando a intelectual Clenora Hudson Weem, responsável por cunhar o termo *mulherismo africana*, graças a sua percepção da

incompatibilidade e falta de conexão entre as *teorias feministas* europeias e os anseios reais da mulher africana, concluindo, mas sem exaurir a reflexão que ambas eram coisas distintas.

Para melhor entender, apresenta-se dois argumentos, “é fundamentalmente um fenômeno europeu... tais como a relação conflituosa entre os gêneros, em que os homens são vistos como inimigos das mulheres. Em segundo lugar, o feminismo tal como se desenvolveu na década de 1880, era francamente racista.” Mazama (2009, p. 124). Portanto, são incongruências que distanciam qualquer possibilidade de unidade e existência do progresso e sobrevivência da família africana.

Pensar em um feminismo negro é igual pensar em um marxismo negro, ambas são teorias brankkkas que em si nos colocam em segundo plano, isto é, secundários, para melhor dizer: no calabouço da pirâmide. Salientando que em uma postura prudente e política a raça deve ser priorizada em detrimento de qualquer outra discussão quando se trata do povo africano no mundo. É uma anomalia querer perpetuar dogmaticamente e alienamente essas teorias. O povo africano tem problemas específicos que só eles enquanto povo pode resolver. brankkko pode até ser solidário, mas não protagonista das nossas dores e lutas.

Talvez essa seja a primeira ação para sairmos ou no mínimo não entramos nesse campo movediço, e, antiafricano. Sendo necessário em uma narrativa alegórica comparativa darmos os mesmos cuidados e atenção que oferecemos aos nossos cabelos crespos quando nutrimos, hidratamos e reconstruímos, tornando-os raízes ainda mais fortes. Para adiante, essa coroa de conhecimento referente à nossa história deve crescer tão majestosa quanto um cabelo crespo, e não mais, alisaremos como forma de negação das origens.

A eterna condição de homens e mulheres africanos em qualquer parte e lugar do mundo demonstra a necessidade e o quanto é mister pesquisas nesse sentido, que impulsionem e de fato sejam úteis para o processo de libertação. O leque de possibilidades para uma ampla produção nos diversos temas que envolvam o povo negro evidencia uma onda de afinidades temáticas possíveis. Desenha-se um cenário novo para o campo metodológico no Ocidente, consequentemente nas Américas e nas Universidades Brasileiras.

Mas, para isso, teremos que veementemente recusar, neutralizar e decapitar as forças metodológicas que se impõem superiores. Destarte, devemos ter em mente que enquanto homens e mulheres sequestrados e colonizados, o caminho de volta é a mãe África, mesmo que esse retorno não seja físico, mas ancestral. Que nosso empoderamento deva ser coletivo,

não individual. Que a ideia posta do respeito, solidariedade, cooperação e humildade ensinadas pela filosofia do *UBUNTU*²⁸ ocorram.

Na prática, sabemos que é até utópico pensarmos em uma unidade e sensibilidade, a empatia do *eu sou porque nós somos* é desacreditada. Os laçaios conseguiram a proeza de alterar até nossa natural condição de povo, um só povo. Estamos impregnados de vaidades que esfacelam o potencial das nossas pesquisas. Infelizmente estamos reproduzindo a lógica brankkka de ver na carnificina do nosso povo objetos de estudos que não avançam para além do ser constatado. Constatou o óbvio e ai pesquisador (a)?

Será que essas estatísticas de horror, essa sangria desenfreada está servindo apenas para produzirmos artigos, monografias, dissertações, seminários, fóruns? Ou em muitos casos, para massagearmos nossos egos com as muitas fotos tiradas depois de muito close e tombamento? Tem quem diz que é o mal da contemporaneidade, contudo, tenho outra concepção para isso, o de naturalização das nossas mortes em acentuada proporção, chegando ao ponto de não nos abalarmos mais com os corpos negros dilacerados no chão. Nosso laçre é o do caixão.

O imaginário “eu agora sou universitário” ecoa na mentalidade dos muitos estudantes como “proteção”, respaldo, licença para transitar sem medo nas ruas. Porém, essa bolha protetora cai por terra na primeira abordagem da Companhia Independente de Policiamento Especializada (CIPE) conhecida popularmente em nosso contexto como “caatinga”. A ampliação da CIPE foi promessa do Rui Costa (ou Rui Corta, como diz o grupo de Rap *Us pior da turma*²⁹ da cidade de Cachoeira) durante o pleito eleitoral, de fato, ele cumpriu com sua palavra no imediato, ao ser eleito governador. Endente? Isso se você for preto é claro, pois as estatísticas aumentaram.

Para tanto, consolidar e aperfeiçoar algo que é uma máquina mortífera coincide no projeto secular de extermínio das comunidades negras com o argumento de combate as drogas, Amargosa que o diga, são muitos os cidios. A famigerada falácia de sempre veiculada nas mídias que todo preto sabe que é distorcida e inventada, a exemplo: *ao chegarem ao local, os policiais foram recebidos com tiros e revidaram. Todos chegaram a ser encaminhados para o Hospital, mas não resistiram*. Esses mecanismos utilizados pelo estado transmite a falsa ideia de justiça, algo incontornável. Em tese, a invenção da categoria “envolvido” para nós é uma desgraça.

²⁸ É uma palavra africana que tem seu surgimento na língua ZULU.

²⁹ Conheça a micro-tape *As Margens do Fim do Mundo – Tomo I,II, III* acessando: <https://www.youtube.com/watch?v=f75MQBGvvSE&t=867s>

O pior que há um sentimento de legitimidade da população que na sua “acriticidade”, ou melhor, na sua infeliz falta de empatia louva o que não deveria ser louvável. Essas atitudes deveriam deixar intrigados e estimulados os sofisticados acadêmicos em seus gabinetes com ar condicionados, no sentido, de tentarem minimizar ou buscarem soluções para tais danos. As pesquisas tem o débito de dá um retorno prático aos sujeitos e as comunidades periféricas, sendo inadmissível que as produções fiquem depositadas em Instituições e não se materializam em ações. Toda reflexão demanda uma ação e vise versa.

Com efeito, essa deve ser uma tendência da afrocentricidade, reerguer o nosso povo, pontuando as muitas mentiras que nos foram contadas começando por fatos do cotidiano, até registros pitorescos da história da humanidade. Fugir da cumplicidade metodológica que assola nossas universidades é uma alternativa para desapossar essas terras improdutivas das muitas mãos brankkkas e suas fraudes grafocêntricas. Estudar a afrocentricidade, sua metodologia e aplicabilidade é atestar o controle sobre nossas agruras, destino, e reticências da vida.

CAPÍTULO 3: DO MÉTODO AFROCENTRADO

3.1 Afrocentricidade: características básicas para uma compreensão disciplinar

“Para muitos, infelizmente, é melhor “assimilar-se” à cultura dominante do que expressar o desejo de “centrar-se” em sua origem africana na universidade.” (CHRISTIAN, 2009, p. 153)

Construir um instrumento metodológico de envergadura que demanda uma resposta direta a realidade dos sujeitos africanos é de longe uma tarefa árdua, no entanto, plausível na medida em que as experiências demonstradas por métodos convencionais de pesquisas vistas aos olhos afrocentrados são falidas sobre os aspectos e termos reais da existência africana. Renascer e florir feito flores da primavera é parte do projeto gigantesco que a afrocentricidade tem para guerilhar. Guerra! Pois as marcas e fraturas expostas dessas narrativas tentavam e ainda tentam incansavelmente nos aniquilar enquanto povo.

É notável que a escolha metodológica revele muito sobre a localização e compreensão da luta do pesquisador para com seus irmãos (as). Uma vez, observando e constatando que há possibilidade e circunstância para transgredir e trilhar caminhos distintos, por que não fazê-lo? Há ausência de intencionalidade ou ingenuidade na escolha metodológica da pesquisa? Ou seja, a posição tomada deve ser também um desaforo subversivo ao sistema linear e não diferente da academia de fazer e produzir ciência. Lembrando que não é possível o não lugar, todo lugar é lugar político, até para quem está em cima do muro.

Na construção da proposta da afrocentricidade, almeja-se inflamar o mundo, no sentido, de criar uma nova forma de libertação transmitindo esperança e avivamento aos africanos. Para tal, alimentar a ideia de que são necessários alguns pressupostos mínimos se torna crucial para não incorrerem em erros ou distanciamentos conceituais.

Deste modo, Malefi Akete Asante (2009), nos apresenta cinco características fundamentais para uma melhor compreensão e aprendizagem dessa corrente emancipadora³⁰ visando atingir o conhecimento desejado, tais como: *Interesse pela localização psicológica;*

³⁰ Sobre o conceito, em uma visão mais geral é importa conhecer o verbete: NEGOENHA, Severino Elias. **Emancipação**. In: SANSONE, Lívio. FURTADO, Cláudio. Dicionário crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa; prefácio, Lilia Moritz Schwarcz; apresentação [Feita pelos organizadores], com a colaboração de Tereza Cruz e Silva – Salvador EDUFBA, 2014. Em respeito, assinala o autor: Emancipação, do latim *emancipo*, significa pôr fora de tutela, dar independências, obter independência, libertar-se de tutela, libertação. Apesar de encontrarmos este conceito utilizado num contexto diferente nos textos de Karl Marx, Antônio Gramsci e Adorno, o termo emancipação é majoritariamente utilizado para descrever os percursos dos esforços empreendidos por povos que lutaram ou lutam pelas suas liberdades ou independências. (NEGOENHA, 2014. p. 151).

compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito; defesa dos elementos culturais africanos; compromisso com o refinamento léxico e por último compromisso com uma nova narrativa da história da África.

Interesse pela localização psicológica: segundo Asante (2009, p. 96) a de convir e fazer referência “ao lugar psicológico, cultural, histórico ou individual ocupado por uma pessoa em dado momento da história”. Isto é, quando o sujeito compreende a África como parte inerente de si, quando culturalmente está na condição central e não subalterna, quando é protagonista da sua própria história.

Compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito: fugir na marginalidade e da invisibilidade existencial é também uma das demandas combatidas pela afrocentricidade como nos ensina Asante “o propósito do afrocêntrista é demonstrar um forte compromisso de encontrar o lugar do africano como sujeito em quase todo evento, texto e ideia” Asante (2009, p. 96) Então, devemos ter a incumbência de não presumir onde as ideias, eventos e sujeitos africanos estão, mas encontrá-las.

Defesa dos elementos culturais africanos: é sabido que a ampla produção intelectual africana em todos os aspectos foi descredenciada e desprezada. Seja, na música, arquitetura, matemática, linguística, filosofia entre outros. Ao ponto, da supremacia branca creditar a alienígenas os feitos faraônicos do povo de pigmento escuro, isto é, de pele preta. Portanto, como afirma Asante “o afrocêntrista está preocupado em proteger e defender os valores e elementos culturais africanos como parte do projeto humano”. Asante (2009, p. 97)

Compromisso com o refinamento léxico: A linguagem é um dos mecanismos utilizados de forma funesta para deturbar e dilacerar nossa história, a exemplo, no livro *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008) o revolucionário e intelectual Frantz Fanon, traz em um capítulo a discussão *O negro e a linguagem* abordando a influência negativa para antilhanos que foram para a França, quando ao voltarem, sentem-se sujeitos “cultos” na proporção de vilipendiar sua forma habitual de falar, como se fossem sujeitos alados.

Contudo, na perspectiva afrocentrada, o autor orienta a observar como e quais linguagens estão sendo reverberadas se de fato o escritor tem noção do que está sendo dito sobre seu povo. Grotescamente exemplificando, quando ao escrever a palavra “denegrir” incube a de preconceitos colocando no campo do pejorativo, algo ruim, negativo. Porém, uma vez consciente é sabido que *denegrir significa tornar mais negro*, logo é algo bom. Sobre isso, Asante aponta que “essas contribuições europeias ao léxico da história africana ainda dominam em certos casos, criando um problema no mundo intelectual e na literatura acadêmica”. Asante (2009, p. 99)

Compromisso com uma nova narrativa da história da África: Os (as) afrocentrados têm uma responsabilidade e interdependência com a historiografia, devendo pensar e escrever uma nova narrativa diferente daquela que foi negada. Com efeito, o professor Anderson Oliva (2003), traz uma discussão em um artigo intitulado: À história da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática. No texto, o interessante e a sagacidade do historiador começa com a seguinte indagação: o que sabemos sobre a África? Está pergunta, em parte, nos envereda a reflexões sobre estereótipos, preconceitos, estigmas que foram sustentados nos espaços formais ou não de educação.

Dizer que a África é um continente e não um país, ou seja, uma África autêntica berço da civilização é parte indispensável dessa premissa narrativa:

a África é um imenso continente de 30 milhões de quilômetros quadrados de superfície que abriga diversas civilizações, milhares de etnias e culturas distintas. Possui uma população de cerca de 600 milhões de habitantes distribuídos entre centenas de povos que falam diversas línguas ao mesmo tempo diferentes e semelhantes. (MUNANGA, 2012, p. 20)

Ponderar sobre o continente Africano para além do sensacionalismo. Desmentir a falsa superioridade europeia é compromisso, verbo. Portanto, essas são algumas características colocadas como empreendimento pelo autor que descreve passos mínimos para uma abordagem afrocentrada que daremos continuidade com a tônica da *consciência e agência*.

3.2 Consciência e agência: categorias fundantes para uma teoria afrocentrada

A consciência, e não a biologia determina nossa abordagem dos dados. É desse lugar que toda análise procede (ASANTE, 2009, p. 103)

A gênese da teoria afrocentrada tem princípios explícitos que devem ser registrados, destacados e amplamente divulgados, entre estes, os da *consciência e agência*. A consciência de si, política, histórica é condição fundamental de africanos no mundo para uma visão analítica da realidade. A descolonização da mente só ocorre com a tomada da consciência, com a totalidade crítica do ser negro (a). Sobre isso, Asante (2009, p. 94) aponta que “a afrocentricidade é a consciência sobre a agência dos povos africanos”, ou seja, ao tempo que evidencia a interdependência estratégica entre o conceito de consciência e agência, traz a

reflexão precisa dos elementos imprescindíveis para demolirmos e jogarmos a baixo toda estrutura. A consciência é o epicentro desse furacão chamado Afrocentricidade.

Em seu livro - *Pele negra máscaras brancas* - Fanon desenvolveu algumas reflexões pertinentes no capítulo *Sobre o pretense complexo de dependência do colonizado*, que analisa a estrutura psíquica de um sujeito negro em estado de complexo de inferioridade e suas repercussões para um estágio neurótico. Retrucar e pensar em um prognóstico é possível na medida em que caminhamos, ou, no mínimo almejamos uma desconsciência colonial. Sobre essa urtiga existencial que vivia seu paciente (Em tese, diríamos que o povo negro anda enfermo já algum tempo) Fanon (2008, p. 95) argumentou, “enquanto psicanalista, devo ajudar meu cliente a conscientizar seu inconsciente [...] ele deve poder tomar consciência de uma possibilidade de existir”, galgada na compreensão de protagonista da própria história, assim, tomando juízo de si, longe das ruínas e espinhos ocasionados pela estrutura psíquica.

Parte crucial e fundante da sua iniciativa são reunir as experiências, apelar ao equilíbrio mental do povo, a fim de lhe proporcionar uma consciência afrocentrada unificada, uma recentralização. Uma espécie de tratado social que orienta o comportamento do povo frente aos problemas ocasionados pelo racismo. Destarte, transitando pela ideia construída sobre o conceito de agência, Asante (2009) nos fornece uma visão detalhada e particular do que propõe tal pensamento, assim sinaliza,

Um agente, em nossos termos, é um ser humano capaz de agir de forma independente em forma de seus interesses. Já a agência é a capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para o avanço da liberdade humana. Em uma situação de falta de liberdade, opressão e repressão racial, a ideia ativa no interior do conceito de agente assume posição de destaque (ASANTE, 2009, p. 94-95)

Os africanos atentos com o processo se valem do ser “agência” como instrumento de libertação, utilizam dos mecanismos possíveis ao seu redor para atingirem seus irmãos (as). A autonomia e autogestão são indispensáveis, o homem ou mulher negra, que desenvolvem oficinas pedagógicas, contação de histórias africanas, brincadeiras antigas, hortas comunitárias, projetos culturais, cine clubes para crianças em suas comunidades são indiretamente e diretamente agentes. Os africanos devem ser agentes em todas as funções desenvolvidas na sociedade. Na economia, no trabalho, em seus relacionamentos interpessoais e afetivos, na história, enfim, reais protagonistas.

O professor (a) deve ser agente na elaboração de suas atividades, nos planos de curso, na construção do Projeto Político Pedagógico, no currículo, na sala de aula, e principalmente

na estratégica didática para aprendizagem. Desse modo, uma vez, relutante para o deslocamento impetuoso do estado pernicioso que encontra as crianças em escolas racistas ocidentais e os adultos em Universidades com tais características, ou seja, em uma parábola, salientamos que esses espaços institucionalizados no que tange a segurança e compromisso com o povo negro nos termos da justiça com a história não é um escudo para se abrigar, mas, diferente, é uma nascente poluída.

A escola/Universidade pode ser interpretada como um favo de mel, algo gostoso de sentir, provar, saborear. No entanto, em contraposição, desfaleça nessas circunstâncias, ocorrendo a desagência como mecanismo de inação, para que, os africanos (a) sejam destituídos de qualquer protagonismo na medida em que são postos a margem da história, bem como, indigentes. Insultar essa condição é o mesmo que resistir e afrontar, fincar outro princípio com aspectos africanos estupidamente leais e honrados, assim, a consciência e a agência penetram nesse trabalho. Ademais, a seguir, aborda-se na subseção aspectos da compreensão do lugar da pesquisa.

3.3 Procedimentos metodológicos: o lugar enquanto interconexão da pesquisa

Uma das premissas que envolvem a afrocentricidade é a noção de centralidade, localização, lugar como já foi supracitado no capítulo sobre a trajetória para identificar e transcorrer sobre a vida do pesquisador, a fim de dizer do seu lugar no mundo e como esse lugar foi constituído. Na pesquisa, essa contextualização geográfica é também absurdamente importante para uma profícua qualidade nas recolhas e conquistas das informações, ou seja, o lugar de estudo é igualmente um solo fértil. Quando o agricultor conhece suas propriedades, seus nutrientes e tem noção de como gerir esse patrimônio é possível encontrar nele os principais fatores que determinarão o caminho para alcançar o crescimento sadio e vigoroso com que as plantas se consolidem, assim, como no primeiro passo, o pesquisador necessita dessa base para garantir a qualidade do trabalho proposto.

Dessa forma, partimos da narrativa pessoal até onde a pesquisa se materializa, nesse caso, tem seu alicerce investigativo no Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, especificamente monografias, ementas, planos de curso e PPC do curso de Licenciatura em Pedagogia, por sinal, este curso foi proposto a fim de atender as demandas educacionais da região, isto é, o território de identidade do Vale do Jequiçá e recôncavo baiano devido à insuficiência de profissionais “habilitados” para as exigências locais e contemporâneas.

Com efeito, é sabido que há alguns métodos para subsidiar as investigações e chegar ao objetivo proposto no trabalho, entre estas, podemos mencionar como recolha de dado usualmente utilizado, as entrevistas, observações e análises documentais. Nesse trabalho, optaremos pela análise documental como instrumento fundamental e exclusivo por vários benefícios como a possibilidade do fácil acesso ao material e do custo zero, além de que, acreditamos que otimiza o tempo comparado com os demais instrumentos já mencionados, ou seja, a dinâmica das entrevistas e observações por vezes requer uma maior correlação com os sujeitos da pesquisa, requer tempo considerado e etapas que a curto e médio prazo dificultam o andamento das investigações, e conseqüentemente dos resultados.

Nesse caso específico, espera-se que as características e informações levantadas contemplem o objeto de estudo para um amplo debate e reflexão do que está escrito. Entende-se que essa preferência elegida se não é a melhor escolha, é a mais adequada. Contudo, faremos a análise documental a partir do paradigma afrocentrado e seus princípios compreendendo seu potencial e suas limitações para a pesquisa.

Para tanto, é necessário elencar alguns elementos conceituais para facilitar o entendimento e alcançar uma compreensão mais eficiente e detalhada da sua configuração, para isso, utilizaremos como suporte o referente quadro informativa:

QUADRO 1 – ANÁLISE DOCUMENTAL

Dado	Um dado suporta uma informação sobre a realidade, implica uma elaboração conceptual dessa informação e o modo de expressa-lo que possibilite a sua conservação e comunicação (Flores, 1994, <i>apud</i> Calado & Ferreira, 2004, p. 2)
Documento	Impressão deixada num objeto físico por um ser humano e pode apresenta-se sob a forma de fotografias, de filme, de diapositivos, de endereços eletrônicos, impressa (a forma mais comum) entre outros (Bell, 1993 <i>apud</i> Calado e Ferreira, 2004, p. 2)
Análise	Em investigação educativa, de uma forma geral, consiste na detecção de unidade de significado num texto e no estudo das relações entre elas e em relação ao todo (Flores, 1994 <i>apud</i> Calado e Ferreira, 2004, p. 2)

Fonte: Calado e Ferreira (2004).

Portanto, são partes interdependentes que formam o todo da análise documental, sua junção e aplicação resultam na obtenção de uma determinada informação útil e decisiva, seja para corroborar com a hipótese levantada ou desmistificar a vaga ideia. Ou favorecer uma ampla perspectiva enxergando para além do óbvio. Perfazendo uma série de constatações

quando profundamente/criticamente analisadas, a despeito, “a análise de documentos pode, então, ser interpretada como sendo constituída por duas etapas: uma primeira de recolha de documentos e uma segunda como a análise de conteúdo” (CALADO e FERREIRA, 2004, p. 2004).

Portanto, o caráter da pesquisa impulsionou e enveredou para o referente instrumento elaborado pelos professores, ou seja, planos de curso. A seleção deste documento é estratégica para identificarmos em seu conteúdo bibliográfico aspectos do epistemicídio ou não, do paradigma afrocentrado ou não. Sua autenticidade “não dispõe de desconfiança”, mas, a sua praticabilidade certamente nos chamará a atenção. São comuns manchetes de Jornais nos chamarem a atenção por notícias polêmicas, porém, muito do que está escrito não aconteceu ou não acontece na prática, são infundadas, assim confiar desconfiando deve ser prática de todo (a) investigador.

A precarização da escola em suas inúmeras formas existenciais é arquitetada para legitimar a acriticidade, o fracasso escolar e a não ascendência social e intelectual dos sujeitos. O aparente fracasso na verdade é o sucesso esperado e alcançado pela supremacia brankkka. Não nos enganemos.

Pensando a precarização citada, nessa nebulosa condição é interessante nos questionarmos, qual o lugar do curso de pedagogia no cenário local e nacional? Entender suas orientações e práticas pedagógicas. As pesquisas e atividades de extensão revelam e advogam o compromisso ou não da instituição com uma concepção curricular prioritária para o povo negro. Qual o cenário educacional do município de Amargosa onde a pesquisa está alicerçada? Observa que Amargosa com a política de interiorização do ensino superior é “privilegiada” por sediar um *campi* da UFRB, especialmente um CFP, correspondendo a um salto qualitativo em termos de impactos econômicos, culturais, logísticos, sociais, e, sobretudo, educacionais em virtude dos projetos de extensão que acontecem nas escolas municipais e estaduais, com as oficinas, o PIBID, e na formação de estudantes da cidade, entre outros. Além de prestígios que coadunam uma Universidade Federal, contudo não entraremos no mérito dos dados, porém, provocamos em pensar o quanto essa instituição tem o potencial de impactar diversos setores.

Para tanto, uma revisão deste contexto ou a construção de outro projeto agrava a necessidade de ressignificar os “saberes” viciosos da academia, assim, ao trilhar o árduo caminho do combate às mazelas sociais, pobreza e o privilégio de muitos em saber ler e escrever são questões que condizem com a imersão da ação pedagógica e o fazer pesquisa na

singular cidade de Amargosa. Por isso, caminha-se para questionarmos quais os sustentáculos das lutas antirracistas? Qual é o lugar ofertado para um currículo afrocentrado?

Não obstante, aprofundaremos no próximo capítulo o estudo e análise dos documentos que entendemos serem cruciais para compreendermos a existência do epistemicídio e percebermos a dimensão da presença/silenciamento da produção epistemológica afrocentrada no curso de Pedagogia, do CFP/UFRB. Além disso, apresentar algumas possibilidades reais de contextualização e desenvolvimento de atividades pedagógicas envolvendo as três grandes áreas do conhecimento postas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN.

CAPÍTULO 4 - A COISA TA É BRANCA!?! O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS NA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA (CFP/UFRB)

4.1 Das monografias

Quando as pessoas querem se dirigir no cotidiano a algum incidente ruim ou dificuldade não é incomum escutarmos normalmente falarem *a coisa ta é preta*, advogando um sentido negativo. O título proposto é uma forma de repreender e perguntar, por que não poderia estar branca? Já que é visto como algo ruim. Então, nos desafiaremos a encontrar as resposta para as hipóteses levantadas nos objetivos gerais e específicos através dos documentos oficiais, bem como, os Planos de Curso e PPC. Portanto, o que dizem os documentos?

Para tanto, seguiremos alguns rituais que são de praxe como critérios decisivos para nosso resultado, assim, coletar, investigar, analisar e interpretar para respondermos às questões novas e darmos respostas novas as questões antigas, condicionadas e determinadas. Pensar o novo é transgredir e circunscrever outra Pedagogia. Por isso, uma vez com os documentos em mãos e com engajamento crítico o pesquisador (a) se torna um ator, colocando a prova conteúdos e informações.

Não por acaso, a afrocentricidade desacredita em formas usurpadas e eunuco de “ciência triunfante”, aquela meritocrata, autoritária, fechada em si mesmo, débeis a outras vozes, sanguessugas e injustas cognitivamente. O monopólio desse conhecimento gera uma vicissitude descomunal e descrença no método eurocêntrico, o que deveria ser praxe, pois versa sob uma prima racista, sexista, patriarcal e epistemicida.

Dessa forma, no afã e ápice da reflexão, entendemos que é tenaz um levantamento das produções monográficas realizadas no curso de Pedagogia do CFP/UFRB, a fim de identificar temas afins e que dialoguem ou se aproximem em suas metodologias com a proposta desse texto. Em uma tentativa otimista de encontrar uma ampla produção dos estudantes referente à temática racial, nos deparamos com entraves burocráticos em termos de organização que acometia a biblioteca e o colegiado do curso. Ocorreu que, das dificuldades encontradas, o que em análise documental não soa como surpresa, mas, como uma das suas limitações, ou seja, a possibilidade de não obter o documento na íntegra ou em alguns casos não ter acesso.

Na consulta feita, junto à biblioteca do CFP³¹ a qual é responsável por conservar e expor para comunidade acadêmica e ao público os trabalhos de Conclusão de Curso - TCC já produzidos na Licenciatura em Pedagogia, infelizmente só conseguimos acesso no recorte de tempo de 2010 a 2013, pois segundo informação fornecida pelo bibliotecário, do ano de 2013 a 2018 faltou ao colegiado à dinâmica de repassar para a biblioteca, ou em último caso, os estudantes não levaram ao colegiado o trabalho impresso.

Deste modo, o bibliotecário ratificou que não há previsão de acesso aos trabalhos, uma vez que, doravante só receberá em formato digital, isto é, em disco compacto - CD. Em um sentido figurado, diríamos que trabalhar com análise documental é uma Odisseia³² investigativa. Mas, como sabiamente diz o provérbio africano *à água sempre descobre um meio*, assim sendo, nesse trabalho não é diferente, trabalhamos em cima do que oferecia o acervo.

No total de 123 monografias depositadas, depois de feito as análises dos resumos das quais os títulos apontavam alguma relação com a discussão envolvendo a temática racial e a referência utilizada, identificamos apenas 8 que se aproximavam do presente trabalho, como veremos no quadro, a seguir:

QUADRO 2 – TRABALHOS MONOGRÁFICOS COM A TEMÁTICA RACIAL REALIZADOS NO CFP/UFRB (2010 -2013)

Estudante	Título da monografia	Ano
Carlos Adriano da Silva Oliveira	Negro (a) eu? Um estudo sobre as representações sociais da identidade étnica-racial entre alunos e alunas de 5º ano de uma escola Pública em Amargosa – Ba	2010
Maria Joseni Borges de Souza	A construção da identidade do aluno negro em uma escola do campo	2010
Tânia da Silva de Jesus	Currículo: Um campo de transformações ou de reprodução da desigualdade social?	2011

³¹ É bom dizer, que ao ser realizado uma busca no sistema eletrônico mais utilizado de pesquisa da biblioteca, utilizando os descritores *epistemicídio* e *afrocentricidade* recebemos a seguinte informação: *não existe registro cadastrado com o(s) filtros utilizados(s)*. A princípio é notável a ausência de qualquer referência que possa subsidiar os alunos, e principalmente, facilitar o acesso.

³² É um poema Épico do século IX a.C descrito pelo poeta grego Homero, narrando as aventuras do herói Ulisses.

Thyanna Silva dos Passos	O currículo do curso de licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores e suas implicações no processo formativo para atuação na educação infantil	2012
Aline Santos Ferreira	A trajetória educacional de discentes negros no Centro de Formação de Professores na UFRB em Amargosa: Sujeitos e pertencimentos	2012
Jolane Mota Alves da Cruz	As políticas de permanência no Centro de Formação de Professores – CFP da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Sujeitos: Pertencimento e protagonista	2012
Luma Silva Matos	Currículo e Formação: Um estudo da matriz curricular do curso de Pedagogia do Centro de Formação de professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia na perspectiva da Lei 10.639/03	2013
Jardelina Garcia Santana	A formação do “ser negro” e suas omissões na sala de aula: Análise da construção da identidade racial em uma escola municipal de Amargosa-Ba	2013

Fonte: Biblioteca do Centro de Formação de Professores - CFP/UFRB

É sabido através de fontes informais e ponderando o período entre 2013 a 2018 que a quantidade de monografias produzidas no curso de Pedagogia diretamente ligadas a temática racial é bem maior, no entanto, em virtude dos complicadores realizaremos análises pautadas nesses trabalhos presentes no quadro, tendo ciência que interfere na potencialidade caso tivéssemos acesso a todos os trabalhos já produzidos referentes à temática racial.

Destarte, das categorias que encontramos nos respectivos trabalhos que se equivalem, destacam-se: representação; pertencimento; currículo; desigualdade social; escola pública; universidade; sistema de ensino; negritude, negro (a) no campo; protagonismo; educação superior; movimento negro; raça; racismo; educação infantil, Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96 e formação de professores.

Desse modo, em uma reflexão prudente, podemos classificá-las como relevantes e significativas para garantia da sobriedade e riqueza que demanda e consiste a análise. Nesse sentido, dentre outros trabalhos, no quadro dois, destacamos o título da Autora Luma Matos *Currículo e Formação: Um estudo da matriz curricular do curso de pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do recôncavo da Bahia na perspectiva da Lei 10. 639/03* visto que seu conteúdo dialoga e muito com o trabalho aqui elaborado. Contudo, o foco da autora é especificamente na Lei 10.639/03, ou seja, questionando como e

se o curso de Pedagogia do CFP/UFRB está preparando os estudantes e futuros docentes para o cumprimento da referente lei no seu campo de trabalho.

Apesar de aproximarmos textualmente e haver questões incomuns em ambas as reflexões comparados com esse trabalho, eles se diferenciam em seus conceitos e abordagens, a exemplo, do *epistemicídio e afrocentricidade*. Aqui, a noção empregada não se limitaria exclusivamente a uma lei específica (isso não quer dizer que não consideramos sua importância). Mas, a África deve ser posta e vista como uma alternativa possível para o conhecimento gerado no mundo, em tese, deve ser a partir dela e não sobre ela. A reverberação dessa conduta certamente transpassará pela prática na sala de aula, mas, infelizmente a tagarelice fraudulenta e insultos de uma falsa obrigatoriedade demandada pelo Currículo Oficial de Ensino abrem precedentes para a não efetivação do lugar de emancipação que é a escola e a universidade, ou no mínimo, sua função social deveria ser esta.

Ocorre que das categorias anunciadas, quando se trata da natureza humana do povo negro, todas em si são objetos de estudo da afrocentricidade, o antes, o agora e futuro; o material, espiritual e ancestral; o sentir, agir e pensar; a literatura e a arte; a teologia, política e ética. O estudo timidamente potencializa e apresenta as lacunas da ausência nas monografias de uma metodologia de princípios epistemológicos afrocentrados. Contudo, sabemos que cabe uma profunda e respeitosa análise sobre esses trabalhos produzidos porque a sutil simplicidade da incipiência da reflexão desse texto não alcança uma discussão mais analítica do levantamento, talvez a hospitalidade com esses trabalhos aqui apresentados levarem reflexões e abram perspectivas para outros futuros.

4.2 Projeto pedagógico do curso de licenciatura em pedagogia - PPC (CFP/UFRB)

A presente análise documental buscará elementos que confrontem e elucidem nosso estudo, inicialmente, debruçaremos sobre o PPC, sendo importante salientar que sua produção e construção traz o mesmo formato inicial da sua criação elaborado ainda em 2008 e permanecendo o mesmo até os dias de hoje. O curioso que esse projeto se apresenta e autodeclara experiencial respaldado pelo dispositivo no artigo 81 da LDB (Lei 9394/96) que goza permissão a organização de cursos ou instituições de ensino experienciais desde que obedecidas os dispositivos desta Lei. Contudo, essa condição de experimental merece um adendo, ou seja, não deve se perpetuar porque já se passaram 10 anos e a necessidade de retroalimentar com posturas e ideias novas são sequenciais, móveis e não engessadas.

Ocorre no CFP uma tramitação sobre a reestruturação desse documento, visando a sua atualização e o atendimento para um novo público e contexto que exige a contemporaneidade, que conforme a própria coordenadora do curso, nesse momento histórico, ou seja, segundo semestre de 2018 já havia formulado, estava no aguardo apenas da aprovação nas instâncias responsáveis. No entanto, essa atualização custou em sair, não correspondendo o tempo desta pesquisa o que é lamentável. Por conseguinte, esse documento, é respaldado ainda em sua base legal pelos respectivos instrumentos legais:

- Lei de Diretrizes e base da educação Nacional
- Diretrizes Curriculares para os cursos de Pedagogia
- Diretrizes Curriculares para os cursos de Licenciatura
- Resolução n 01 e 02/2002 – CNE/CP
- O Estatuto Institucional da UFRB, em fase de estatuinte.

Portanto, esses são mecanismos que respaldam e garantem o funcionamento dentro do que ordena e se coloca como Norte, aliás, Sul³³ do projeto, propondo articular as dimensões em eixo de pesquisa e práxis pedagógica. Assim, em seu conteúdo, identificaremos unidades relevantes ou categorias para o seu delineio. Entre estas, teremos como basilares da reflexão os seus *objetivos e competências e habilidades*, além do *perfil do egresso*.

Dos objetivos, asseguram-se quatro princípios básicos que se desenham e desdobram-se em objetivos específicos como veremos, a saber:

QUADRO 3 – OBJETIVOS DO PPC DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA CFP/UFRB (2008 -2018)

Princípios	Horizontalidade; emancipação; empoderamento e transformação.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Empenhar esforços para que o curso proporcione uma sólida formação teórica; • Desenvolver a pesquisa como forma de conhecimento e intervenção na realidade social; • Buscar estratégias que favoreçam uma maior articulação entre a teoria e a prática; • Realizar um trabalho interdisciplinar que permita uma visão ampla de conhecimento e da educação; • Garantir flexibilidade curricular e estratégias de auto avaliação constantes em relação à proposta pedagógica .

³³ O Sul é para contrapor o famigerado **nortear** que aprendemos a nos basear com o sentido de se orientar no mundo.

Fonte: Núcleo Acadêmico do Centro de Formação de Professores – CFP/UFRB

É sabido que as informações esmiuçadas no corpo do texto nem sempre é prerrogativas de sucesso em sua prática, por vezes cumpre apenas o trabalho chato e burocrático que demanda a construção de um documento dessa proporção, os limites entre o discurso textual e sua realização é perceptível aos olhos de qualquer sujeito que tenha a sensibilidade e motivos para discernir criticamente. Nos objetivos, algumas palavras em específico se destacam pelo seu peso e sua importância caso se reverberem em seu exercício, tais como a interdisciplinaridade, pesquisa, formação teórica e flexibilidade curricular.

Essa qualidade de pensamento resplandece na forma linguística, no entanto, não há um juízo explicitamente de como fazer acontecer, ou seja, apenas a forma imperativa de dizer não é suficiente. O *vir - a - ser* da afrocentricidade não está declarado, a verdade, que ecoa no texto uma sensação de desconhecimento da afrocentricidade enquanto teoria e estratégia que melhor representaria o povo do recôncavo e vale do Jequiriçá considerando sua história e enorme contingente de pessoas negras nessa região, não sendo dessa forma só questão de representatividade mais também de coerência.

Quando em seu objetivo o texto sugere empenhar esforços para que o curso proporcione uma sólida formação teórica, no bojo do que se propõe, imaginamos um compromisso também com outra produção para além dos clássicos já ocidental-utilizados nas Universidades, mas pensar e por que não, em produções como o livro organizado por José Rivair Macedo, o pensamento africano no século XX, que traz uma sensata seleção de artigos sobre grandes intelectuais negros no mundo, infelizmente, esse possível compromisso não se reflete em nossas bibliotecas, com isso que sólida formação teórica é essa? Isso perpassa também pela articulação entre a teoria e a prática, entre a interdisciplinaridade, e essencialmente pela função social que demanda a educação e seus sujeitos, e não em um carma.

A falácia proposta da intervenção na realidade social é um objetivo que implicitamente é inevitável, nada que não aconteça naturalmente com uma Instituição Superior no interior, a questão é que por vezes se distancia em virtude da disparidade entre a Universidade encantada, imaginada, mas que na prática mais exclui do que inclui e a condição de vida das pessoas marginalizadas pela sociedade, portanto qual a relação do CFP com as comunidades periféricas de Amargosa? Qual projeto Institucional ou convênio com os centros

comunitários? Com os Nóis³⁴ da quebrada? Ou o projeto de educação não abarca esses sujeitos? Algo está sendo feito? Com quem? Para quem? É função da educação, não é? Ou de fato, não vamos salvar o mundo, né?

Todavia, ao concretizar e utilizar a afrocentricidade atrela e cumpre essa função em seus termos, seja pela *conscientização, ideias ativas da agência, localização psicológica, compromisso com a descoberta do lugar do africano como sujeito, defesa dos elementos culturais, compromisso com o refinamento léxico e compromisso com uma nova narrativa da história da África*, ou seja, pilares e princípios que aqui já foram discutidos e que acreditamos ser o lastro do sentido de autonomia para ser abordado em qualquer curso de licenciatura.

São particularidades da afrocentricidade que exige uma adesão e consistência melhor detalhada (que estejam presentes) no documento para a sua eficácia. Ao contrário, serão objetivos vãos! Enquanto isso, na ausência dessa aproximação haverá o continuamento das negligências conceituais, ou seja, a superficialidade do projeto confundindo-o com a função de tornar visível o mundo invisível e a presença e ação intelectual nos confins hostil da marginalidade.

Encorajar um contexto que seja subsumido a afrocentricidade deve estar presente no documento. Ora, o princípio da horizontalidade perpassa por isso, para uma emancipação e empoderamento desejado pelo alunado, logo sua transformação. Quando os documentos responsáveis pela transformação do sujeito são convenientes e não rejeita a forma racista e seus aspectos mantenedores, logo, levam a ruína a não acusar e condenar uma estrutura criada pela supremacia para nos aniquilar. Pois serão sempre declarados culpados.

Ademais, abordaremos as *habilidades e competências* que cabe ao Pedagogo (a), segundo as informações descritas no documento referente ao exercício da profissão:

QUADRO 4 - HABILIDADES E COMPETÊNCIAS PPC DA LICENCIATURA EM PEDAGOGIA CFP/UFRB (2008 -2018)

Princípios	Interdisciplinaridade; contextualização; democratização; pertinência e relevância social; ética e sensibilidade afetiva e estética.
------------	---

³⁴ Usuário de crack, uma das drogas mais viciantes do mundo.

Competências e Habilidades	<ul style="list-style-type: none"> • Atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa equânime, igualitária. Reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas; • Relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didáticos pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas; • Identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras; • Participação da gestão das Instituições contribuindo para elaboração, implementação, coordenação, acompanhamento e avaliação do projeto pedagógico; • Participar da gestão das Instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não escolares.
----------------------------	---

Fonte: Núcleo acadêmico CFP/UFRB

Dessa forma, os princípios morais elencados na *competência e habilidades* certamente são cruciais para a formação do sujeito nos aspectos da conduta ética e dos valores que regem o cotidiano em sociedade. Ademais, os pormenores que versam sobre sua prática e habilitação demonstram a multiplicidade de atividades e possibilidades de atuação ampliando totalmente a visão reduzida sobre o educador. De fato, propondo uma maior visibilidade e competência ao profissional que é encarado aqui como o pedagogo oriundo de uma formação que pressupõe a excelência.

Os termos da contextualização, interdisciplinaridade, implicitamente correspondem às características da afrocentricidade, ou seja, partindo do autoconhecimento, “toda investigação afrocentrada deve ser conduzida por meio de uma interação entre o pesquisador e o tema. A imersão cultural e social é um imperativo” (MAZAMA, 2009, p.123). No que diz respeito à participação do pedagogo (a) no processo de elaboração, criação, implementação e coordenação deve se considerar que toda experiência africana é possível de revigorar, além do profissional está habilitado nesses espaços privilegiados para dá um suporte e contribuição à desintegração e destruição das contínuas estruturas mortíferas escolares.

A afrocentricidade traz mensagens poderosas para a humanidade, sobretudo, para o povo negro, sofremos muito ao longo da história ao ponto de não podermos perder de vista o porquê estamos aqui escrevendo, estudando, lendo, produzindo, materializando, protagonizando, temos a responsabilidade com o outro, pois a luta contra o racismo é imensurável, não podemos fazer nada nefasto que possamos posteriormente exercitar arrependimento.

Quando o documento sugere atuarmos com ética e compromisso na construção de uma sociedade justa, concordamos com essa linha de pensamento entendendo que o cuidado é o principal hospede para não emprendermos nos profundos erros ocasionados pela ausência de algumas regras valorais que orientam o comportamento humano, não podemos fugir dessa fidelidade quando integrada a realidade dos negros (as), pois são testemunhas oculares, na vida real eles dão seus próprios testemunhos, seja na cova, no enterro, em um círculo universitário, na formatura, ou seja, a cor é sempre um demarcador em momentos da vida e/ou morte.

Ao pensar em uma equânime e algo igualitário para a sociedade como aponta o documento, devemos obrigatoriamente analisar a quem vai alcançar, porque nesses pressupostos estabelecidos deveríamos romper com a lógica que produz escolas de pessoas empobrecidas para pessoas empobrecidas, de pessoas de classe média para pessoas de classe média, de ricos para ricos. Igualdade para quem? A igualdade é utilizada para justificar o racismo? Eles irão dividir/socializar conosco suas experiências educacionais, suas tecnologias da informação, suas patentes, suas editoras, suas metodologias fenomenais? Enfim, o poder, conosco? Caso contrário, estamos caindo no conto do vigário.³⁵

Sinalizar a importância de relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação é primordial, excepcionalmente a comunicação em suas muitas formas é carregada de conteúdo que pode denegrir ou arruinar a vida de alguém ou de um grupo. A informação transmitida exige muita responsabilidade, portanto, verdade. Vivemos em um apogeu das fake News, isto é, notícias falsas. Ora transmitidas pelas diversas ferramentas da tecnologia, como televisão, jornal, rádio, e, sobretudo, as mídias sociais. Isso é tão sério que há possibilidade real de linchamentos e assassinatos de pessoas em virtude da disseminação das notícias mentirosas. Além de interferir diretamente nos rumos da política a nível nacional e internacional, assim em um momento que o acesso ao facebook e Whatsapp é cada vez maior em uma perspectiva capitalista, evidencia também suas fragilidades através dos *Clickbait*, em português caça clique, que tem por finalidade vincular publicidade online com manchetes sensacionalista.

Redirecionando essa abordagem para o mundo da educação formal diríamos que o fake News para nós sempre existiu, a desinformação é recebida por nós como um desfavor, devendo ser rechaçada, entretanto, alternando sobre os processos didáticos pedagógicos o professor (a) é o principal mediador (a) dessa informação, uma vez que, para seu educando ele

³⁵ Expressão utilizada para indicar quando uma pessoa tenta burlar alguém, enganar.

tem total domínio sobre a informação. Mas, como ter certeza e/ou veracidade dessa informação? Já que enquanto povo não temos domínio de tal ferramenta.

Seria possível um império dos meios de comunicação que não fosse monopolizado pela supremacia branca? Conhecimento/informação é poder!? Se sim, como obtemos? Não seria arbitrário pensar em aprendizagens significativas sem pautar a solidariedade e pertencimento na comunidade da diáspora africana? Sem olhar o retrovisor da história? Como perguntou Mark Christian (2009, p. 158) “como nos conectamos uns aos outros?” As escolas e universidades na forma como estão postas atuais não têm competências e habilidades que conseguem atender essa demanda. Ainda assim, Fanon (2008, p. 50) argumenta que “falar uma língua é assumir um mundo” Portanto, qual mundo estamos assumindo?

Assinalar a função de identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa é admissível, contudo essas habilidades para nós é verbo. Ocorre que, essa ideia apresentada no documento deveria ser consubstanciada aos propósitos da afrocentricidade antes que os educadores percam o rumo e sejam aliciados pela viciada estrutura educacional e enxerguem tudo como um movimento ininterrupto, um fluxo permanente, um devir ao povo negro.

Mas, como exemplo investigativo sobre nossa localização no mundo e outro legado para os problemas, ou talvez enigmas educacionais da esfera mundial, assenta-se “Cheikh Anta Diop e o pensamento afrocentrico constituem exemplos importantes desse fenômeno” Nascimento (2009, p. 184), o primeiro, trazendo ao espaço acadêmico outra narrativa da história de forma bem substancial como um decreto que ameaçava e ameaça o ego e toda intelectualidade do opressor. O segundo, por intermédio da *agência*, o que significa protagonismo ao agir, moldar, realizar, e invocar a transformação da sociedade pela capacidade de autogerenciamento das suas ações a cada passo dado no sentido da liberdade física, psicológica e espiritual. Assim, contribuiremos para a superação das exclusões sociais, políticas e religiosas.

Infundem desse modo, intervenções reflexivas sobre as palavras descritas no documento, com isso, possibilitando outro sentido e não usurpando. A forma como analisamos e possibilitamos fizeram parecer palavras que tem pronuncia e grafias parecidas, porém com significados diferentes, isto é, os chamados parônimos. Entretanto, aqui se diferencia na raiz da interpretação afrocentrada.

Para tanto, sobre o perfil do egresso, algumas sugestões e o balanço sobre o lugar de atuação é mais detalhado, desse modo, apresenta-se que o pedagogo atue lecionando nos primeiro níveis da educação básica:

- Educação infantil;
- Séries Iniciais do Ensino Fundamental de 1º A 4º Série;
- nos cursos de Ensino Médio (na modalidade normal e de educação profissional);
- na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos

É nítida a amplitude que acarreta e atarefa esse profissional, porém há uma sensação de presságio que deixa tenso e preocupado quem tem real compromisso com uma educação descolonial e afrocentrada tendo em vista a complexidade de sujeitos envolvidos com essas atribuições delegadas aos pedagogos (as), ou seja, crianças e idosos, homens e mulheres, incluindo também o público LGBT. Ora, a principio deveríamos ficar felizes e envaidecidos por tamanha grandeza depositada, certo? Mas, não confiemos no caminho ou formação que não crie obstáculos para o contínuo enfrentamento ao racismo, é ocioso e vão à descrição do perfil de um egresso do curso de pedagogia que não demonstre respeito e atenção para com os verdadeiros progenitores da humanidade.

Todavia, quando um documento dessa importância negligência a existência contundente e tamanha da presença negra nesses diversos espaços nos leva a questionar será que sutilmente não está demonstrando também um racismo institucional? O embranquecimento dos nossos textos (documentos) também não é um racismo institucional? Fruto do eurocêntrismo, a condição de inexistência nessa sociedade centrada na escrita, ou seja, grafocêntricas será também racismo Institucional? Deletar nossa história é igualmente aniquilar nossa existência.

Ser severo nas nossas abordagens e análises é visto por alguns educadores (a) como uma conduta um tanto agressiva e violenta, entretanto, muitas não se sentem ofendidos ou sensibilizados com esse crime de consciência aos educandos pretos (as). Por vezes, somos introduzidos (quando somos) nos documentos, diretrizes, parâmetros, decretos, entre outros como paliativos, diríamos que há uma presença-espetáculo e/ou presença-alegórica. Pretos (as), lembremo-nos da sabedoria dos *adinkras* como o *Akobon*³⁶ simbolizando a precaução e prudência.

³⁶ Ver: CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do. História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkras- Salvador: Artegraf, 2016.

Por tudo isso, aos irmãos (a) pretos educadores cabem repensar suas ações, porque a supremacia não fará nada por nós, estamos por nossa própria conta, ontem, hoje e doravante como se comprova em suas ações históricas.

4.3 Dos planos de curso da licenciatura em pedagogia (CFP/UFRB) e possibilidades pedagógicas sobre o prisma afrocentrado.

Destarte, discutiremos e analisaremos os planos de curso, nos termos da presença/silenciamento da afrocentricidade no debate e elaboração das aulas ministradas pelos docentes, observando a descrição das ementas e o referencial utilizado para dá o suporte teórico básico. Portanto, o que pesa sobre a afrocentricidade? Com efeito, dos 43 planos de cursos que obtivemos acesso através do núcleo acadêmico do CFP centraremos nossa análise em um total de 10 planos entendendo que esses são fundamentais e decisivos para compreendermos as implicações ou não com uma abordagem afrocentrada. Mas, destacamos a importância da transversalidade do debate nos outros planos, que também são relevantes.

A análise crítica desse documento passará pela preocupação, percepção e cânone do paradigma afrocentrado e seus princípios observando, assim, respectivamente apresentaremos no quadro abaixo as ementas que estão diretamente ligadas a temática racial ou ao menos, deveria estar, pois, entende-se como um campo fértil para tal:

QUADRO 5 - COMPONENTES CURRICULARES DE HISTÓRIA CFP/UFRB

Disciplina	Ementa
Ensino e Aprendizagem de História	Estudo das ações coletivas relacionadas com a história dos povos relaciono-as com a atualidade e as transformações sociais. Etnia, costumes e religião na formação e desenvolvimento das identidades históricas e individuais dos sujeitos. Os parâmetros curriculares nacionais e a práxis do ensino de história no ensino fundamental.
História Social da Educação	Estudos das raízes históricas da educação da antiguidade até o advento dos tempos modernos, destacando temas relevantes para a compreensão da educação na atualidade.
História Social da educação Brasileira	História temática da educação brasileira, considerada nas suas inter-relações com o contexto mundial, no período compreendido entre os séculos XVI e XX. Estudo da História da Educação enquanto campo de pesquisa; História da Profissão docente.

Fonte: Núcleo acadêmico do Centro de Formação de Professores – CFP/UFRB

Os planos de curso aqui evidenciados sobre história, demonstram uma enorme ênfase com a historiografia da educação brasileira, no entanto, não percebemos a presença da afrocentricidade ao menos como uma possibilidade investigativa e capaz de somar para tal

compreensão da consolidação e formação do pensamento educacional. Onde estão as matrizes africanas? O legado africano como precondição do conhecimento no mundo? Lembremos que há ranços do eurocêntrismo no pensamento educacional brasileiro, ou seja, será que “essa história” prevista nesse componente curricular esqueceu a aberração da eugenia no Brasil?³⁷ Respalhada e consolidada pelos clássicos educadores brasileiros, a exemplo do Fernando Azevedo, Monteiro Lobato, Rui Barbosa, Érico Veríssimo, Darcy Ribeiro entre outros³⁸.

Para realizar o objetivo de aprofundamento no conhecimento do mundo e das suas civilizações em origens tanto antigas como as atuais é sagaz aprender onde tudo começou, porque não deve ser encarada como um benefício apenas para o povo negro, porém para toda humanidade. A disciplina história é um grande alicerce para os demais conhecimentos, faz parte do núcleo estruturante do curso de Pedagogia e de qualquer outra graduação, estando ligadas direta ou indiretamente, pois ela em si só se antecede. A princípio não trazer aspectos da afrocentricidade demonstra talvez desatenção do responsável pela disciplina ou o oco compromisso com uma educação pautada na descolonização mental, mas a raiz da questão está para além, articularíamos, que descreve o racismo.

A reviravolta histórica deve irromper com a fraude e esperteza que prende a consciência da humanidade. É através do clamor e astúcia de uma nova consciência que pautamos as sinalizações das ementas como instrumentos históricos alicerçando uma nova sociedade. Examinar, questionar a “inabalável” concepção interpretativa que foi feita a base de mentiras por epistêmicos sustentando uma calamitosa narrativa, acobertada por uma inocência aparente de quem não conhece sua história africana.

Mas, contra as escritas dos algozes intelectuais brankkkos, se opõe o estudo de Diop *apud* Finch III (2009), assumindo uma necessidade organizacional constrangedora para aqueles que rondam a esperança de um novo mundo, nasce do conflito e virtude desejável de Diop e os desonestos (entretanto, refinados intelectuais). Ora, aniquilados pela força da verdade.

As perguntas insistentes levantadas ao longo da história por intelectuais negros revelam a impaciência e uma alusão à indiferença, destacando questões da antiguidade que alcançam a atualidade. Desse modo, frisamos o retrato realista de uma negação, não sendo

³⁷ Ver: o trabalho *O valor da eugenia : Eugenia e higienismo no discurso médico curitibano no início do século XX* (2011) realizado por Dones Claudio Janz Jr.

³⁸ Para tal, ver as seguintes obras: DAVILA, Jerry. *Diploma de brancura Política Social e Racial no Brasil 1997 – 1945*. São Paulo: UNESP, 2006; BENECDITO, Ricardo Matheus. *Afrocentricidade, educação e poder: uma crítica acrocêntrica no eurocêntrismo educacional brasileiro*, São Paulo: s.n. 2016.

propriamente uma questão particular a alguém, mas como se não agisse na história, usurpando o lugar de um povo.

O pensamento e passado clássico africanos, localizados na antiga civilização do Egito (Kemet) e do Vale do rio Nilo, são realçados como referências de uma perspectiva africana, da mesma forma que a Grécia e o Império Romano são as referências do mundo europeu”. (ASANTE *apud* NASCIMENTO, 2009, p. 193).

Acaso, corromperam a compreensão das pesquisas em quase todo o mundo, obstinados praticando abominações teóricas que atravessaram séculos até quando a comunidade acadêmica esconderá as escórias que sustentaram genocídios, epistemicídios, escravidão? Será ela-Universidade capaz de deslegitimar, discernir e escolher a matriz teórica cujo projeto propõe liberdade? Ou isso acontecerá em outro espaço que não seja o institucional? Já não temos a quem recorrer para nossa defesa, a não ser, olharmos para si. A ciência serve realmente a quem? Qual a credibilidade? A educação é íntegra quando reflete a própria realidade? Será que não idolatramos falsos baluartes da academia?

Por isso, observaremos também nos componentes das ciências sociais princípios e aspectos da educação na ótica da organização social e sua intervenção no cenário educacional brasileiro, pensar os ditos “Clássicos” da sociologia de forma moderada, sem idealizá-los e personificá-los, tais como Augusto Comte, Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx. Sobre o último autor citado, é válido lembrar sua famigerada frase *a história de todas as sociedades até hoje é a história da luta de classes*, que para o povo preto não foi tão simples assim como parece basta refletirmos sobre os escritos do Moore (2010) em marxismo e a questão racial, deste modo, é recebido e visto por nós como uma insolência teórica. Assim, segue abaixo o quadro com as disciplinas e ementas das ciências sociais:

**QUADRO 6 – COMPONENTES CURRICULARES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS
CFP/UFRB**

Disciplina	Ementa
Sociologia da Educação: estudos básicos	Introdução aos estudos da sociologia no plano teórico-conceitual. Abordagem das temáticas dos grupos, das organizações e instituições sociais nos processos sociais básicos. Análise da escola e das demais agências de apoio ao processo educativo. Compreensão sobre socialização e imaginação sociológica da educação.

Concepção Sociológicas da Educação	Análise das abordagens sociológicas clássicas e contemporâneas sobre a educação e a escola. Estudo do processo educacional brasileiro, com ênfase no conhecimento oferecido pela análise sociológica ao trabalho do pedagogo.
------------------------------------	---

Fonte: Núcleo acadêmico do Centro de Formação de Professores – CFP/UFRB

Dois componentes curriculares referentes às questões sociológicas da educação evidenciam a percepção e importância oferecidas a essa ciência, sendo responsável por analisar e interpretar aspectos sociais como um todo. No entanto, ao analisar cuidadosamente o plano de curso percebemos no conteúdo programático a ausência do sociológico Guerreiro Ramos (ao analisar, propomos, por que não?) como referência fundante à nossa reflexão quando recomenda uma revisão da sociologia nacional, apesar de que, ele não se coloca enquanto afrocentrado, porém, uma vez estando radicalizado nos EUA travava uma luta intelectual antirracista e anticolonialista com a produção do conhecimento vigente à sua época, o que nos desperta certa atenção.

O Brasil nos deu um arauto desse processo quando nasceu, em 1944 o Teatro Experimental do Negro (TEN). Entre seus quadros estava o sociólogo Guerreiro Ramos, que propôs uma revisão da sociologia nacional. Para ele, o pensamento sociológico do país era “consular” ou “enlatado” à medida que se pautava por temas, prioridades, métodos e paradigmas exógenos à sua própria realidade. Ao condenar a uma nova atitude científica a serviço da realidade nacional, Guerreiro Ramos (1995) [1957], 1998 [1958] articula um olhar específico sobre alguns padrões da ciência ocidental. Análise conceitos e procedimentos metodológicos da sociologia norte-americana e europeia elaborados nos respectivos contextos sociais e aplicados a outros como se fossem dotados de validade universal (NASCIMENTO, 2009, p. 185)

Contudo, no cerne desse debate se destaca intrinsecamente a esses teóricos a experiência inovadora do TEN, tendo como legado uma crítica social que voga a responsabilidade das ciências sociais e sua função política, é incontestável, a presença desse autor para uma presente e visível ação de rompimento com a racionalidade vigente. Nessa discussão não podemos e não faremos igual aos racistas que colocam Abdias Nascimento debaixo do tapete intelectual, o respeito antecipa nosso olhar ao falar do nosso grande mestre nacional.

As escolas e Universidades precisam reconhecer isso e evidenciar a progressão do negro enquanto protagonista tal como fez Abdias e o TEN. Cabe a essa Instituição pautar em suas ementas projetos ambiciosos e ousados que garantam a imersão de sujeitos desprovidos de uma educação de qualidade.

Assim como nos ensinou o TEN incorporando outras vozes em seus quadros, como empregadas domésticas, operários, pessoas desempregadas, moradores de favelas, analfabetos, isso é, pessoas a margem dessa sociedade que precisam se rebelar contra esse sistema, pensar em uma alfabetização africana. Estrear outra peça educacional, como fez o TEN em 8 de maio de 1945, ao pisar pés da cor da terra e da noite naquele Teatro Municipal do Rio de Janeiro, nunca antes frequentado. A imaginação sociológica perpassa por esse ritual que precisa ser mais bem compreendido e cuidado, pois nas nossas universidades ainda estamos estreado.

Entretanto, como contraste encontramos a presença do também brasileiro e sociólogo Florestan Fernandes na referência do plano de curso, diga de passagem, um prodígio intelectual com sua robusta produção e trajetória. A contribuição sociológica à pedagogia impusesse um grande teor de realidade para a sociedade brasileira, dessa forma, apontamos como literatura que também merece a atenção dos acadêmicos os escritos de Carolina Maria de Jesus, mesmo ela não estando no rol e recinto universitário suas obras precisamente, *Quarto de despejos*, traz a verdade sem máscara do retrato social da população em condições miseráveis e de fome. Por que insistimos em importar parâmetros das ciências sociais norte americanas e europeias? É com súplica que os estudos e dedicação desses autores merecem ser compartilhados com nossos (as) educandos de forma sensata e contundente. Desfazendo a visão reducionista dos “clássicos” sobre o campo da sociologia e suas análises.

Para tanto, daremos continuidade ao trabalho de análise dos planos de cursos de Pedagogia, focando agora nos componentes curriculares obrigatórios e optativos: *Educação e africanidades*, *Filosofia e Educação*, *Ensino e Aprendizagem da Geografia*, *Antropologia e Educação e currículo*.

QUADROS 7 - COMPONENTES CENTRAIS AO ESTUDO

Disciplinas	Ementa
Educação e Africanidades	A educação das relações étnico-raciais. História e Cultura africana e afro-brasileira. Racismo estrutural no Brasil. Ideologia da democracia racial. Negritude e escola. Cultura negra e educação brasileira.
	Filosofia como forma de conhecimento. Educação como problema filosófico. Estudo dos fundamentos

Filosofia e Educação	das teorias e práticas educativas da civilização ocidental. A filosofia da educação como proposta de reflexão crítica acerca do fenômeno educacional. Domínio das escolas de pensamento clássico às contemporâneas
Ensino e Aprendizagem de geografia	Estudo de conceitos e importância da Geografia. Análise de Corretes do Pensamento Geográfico. Reflexões sobre os Parâmetros Curriculares e o Ensino da Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Geografia política e a importância do olhar sobre o tempo e espaço contemporâneo do ensino fundamental
Antropologia e Educação	Abordar o caráter uno e plural da experiência humana, das diferentes formas de organização societária, da articulação entre sociedade, cultura e educação. Ênfase no estudo das sociedades contemporâneas, na pesquisa de campo e nos fenômenos de interpretação simbólica.
Currículo	Estudo dos conceitos e fundamentos de currículo. Planejamento, execução e avaliação curricular. Programas: tipos e características. Análise de currículos e programas executados em escolas de educação básica. Montagem de modelos curriculares.

Fonte: Núcleo acadêmico do Centro de Formação de Professores – CFP/UFRB

A disciplina intitulada *Educação e Africanidades* certamente é um dos componentes mais importantes para nosso estudo, infelizmente, é sabido que na matriz curricular do curso de Pedagogia ela não está no patamar que deveria ocupar, ou seja, a de prioridade. Pois a condição de optativa demonstra a hostilidade com os estudos africanos. O total de 51 horas de carga horário é um tanto limitado, os objetivos descritos, até apontam a importância desse debate e pesquisas atuais sobre a África, porém o universo africano de informações e saberes advoga um tempo maior, não “rapidinho”, superficial como está posto no documento.

Destacamos nas referências da disciplina de africanidades algumas referências de prestígio como Kabengele Munanga, Eliane Carvalho e Stuart Hall, entretanto, apesar da presença desses autores (a), juntando a bibliografia básica e a complementar há um número

reduzido, irrisório e omissos de intelectuais negros (a). É nítida a ausência de intelectuais negros que mudaram a forma de investigação na academia e estudos africanos, ou seja, a mudança de paradigma.

O maior intelectual produzido pela África no século XX o qual suas pesquisas mudaram e confirmaram as civilizações africanas antes mesmo da Grécia falsamente se apresentar enquanto berço civilizatório e que não surpreende seu pensamento ecoar até os dias de hoje, sendo fonte para muitos pesquisadores africanos no continente e na diáspora, seu nome é Chiek Anta Diop, responsável também por influenciar o paradigma afrocentrado no mundo. Isso é incontestável, e impor e provocar essa demanda são pontos produtivos que causa um profundo reflexo.

Além desse genial senegalês, outros pesquisadores de tamanha magnitude estão ausentes das referências dos planos de cursos elaborados pelos professores, tais como: Molefi Asante, Ama Mazama, Maulana Karenga, W. E. B. Du Bois, Abdias Nascimento, Frantz Fanon e Carlos Moore, entre outros que a nível nacional e mundial são referências indiscutíveis para qualquer estudo sobre africanidade. Portanto, sem esses autores é impossível pensar a África de forma audaciosa.

E infelizmente não há espaço para os educandos serem requisitados sobre o que desejam estudar, quais referências quer se debruçar, ou seja, o professor (a) é juiz privilegiado da sua posição ao determina dentro da estrutura o que os demais irão estudar o que é relevante e o que não é afinal, ele tem autonomia na sua elaboração de aula ou não? Mas, e se ele/a se visse na condição de agência como propõe a afrocentricidade? Ou será que não conhece mesmo que superficialmente as referências cruciais do campo de estudo negro? Ou estão fechados em si e na realização de seu trabalho? Aliás, é ele o culpado?

É lamentável também, não encontrarmos nesses planos de cursos - especificamente nesse - a presença do honorável Marcus Garvey como referência ou no mínimo como indicação de leitura complementar³⁹. Por que a universidade tenta dissuadir o triunfo de Marcus Garvey? Por que essa síndrome da subserviência com nossas referências? Por que não impuser o nome de Garvey como um dos sufrágios da literatura preta no curso de Pedagogia? Ademais, é sufocante para nós percebermos que nossas crianças sabem mais sobre a Europa que a história local do seu povo. Aquela famigerada frase do Garvey que diz: *O homem que não conhece sua história é igual árvore sem raiz*, é dessa forma uma sentença para nós.

³⁹ Para melhor conhecer Garvey Ver: GARVEY, Mosiah Marcus. **Procure por mim na tempestade: de pé raça poderosa**. [tradução: Kweme Asafo N. Atunda, Ali Kemet, Lu Isha e Afrocentricidade Internacional Bahia; Organização e notas: Douglas J. G. Araújo e Kweme A. N. Atunda]. São Paulo: CFMG, 2017;

Assim, a perseverança de Garvey é tão mensurável como a lua cheia. Entretanto, sua história e feitos é ausente da história contada na universidade e nesse curso. Portanto, é importante saber algumas coisas sobre ele, bem como:

- Fundou a Associação Universal Para o Progresso do Negro (UNIA);
- Criou a maior campanha de desenvolvimento econômico Negro;
- Responsável pelo maior império dos Meios de Comunicação Negro;
- Inspirou muitas pessoas e movimentos de liberdade no século XX;
- Influenciou o nacionalismo de inúmeras nações, inspirando a independência de inúmeros países.

Preservar e respirar os ensinamentos de Garvey é exprimir um pouco de verdade em meio a tanta mentira aliás, qual verdade pode extrair da mentira? Por tudo isso, que é mister perseverarmos na memória essas emblemáticas referências e qualquer tentativa de censura ecoa como uma desonra com a memória dos nossos mortos, presidi que os sustentáculos de lutas e suplicas por um mundo justo pode intencionalmente serem designados como insígnias e escórias da sociedade, absurdamente não serem encontrados nos livros, escolas e academias. Podendo “não deixar” nenhuma lembrança e possivelmente desaparecendo como se não existissem.

Deplorando uma certa ignorância ao povo sobre sua história, cujas atribuições são as mais hostis, a exemplo do que erroneamente contam sobre a mulher mais procurada pelo EUA, concedendo-lhe a condição de caçada pelo FBI e colocando-a como a primeira mulher na história a ser procurada e inserida na lista dos dez terroristas mais procurados, seu nome é Assata Shakur.

A condição dada a Assata Shakur de terrorista reflete como faísca em meio a uma floresta em chamas de mentiras e calúnias desenfreadas dirigidas a ela, é coerente e justo pensar o que é um terrorista/o? O que define um terrorista? E, por que Assata ser incluída como terrorista? É sabido que Assata foi acusada e condenada por envolvimento na morte de um policial, mas as provas evidenciaram a não participação dela no incidente e infelizmente o que ocorreu foi um julgamento realizado por um tribunal de militares altamente racista e imparcial.

A possibilidade de uma retaliação e uma prisão política não deve ser descartada (mas, observada), ponderando que Assata era militante ativa do partido dos Panteras Negras e do Exército para Libertação dos Negros, isso fica mais evidente.

Por que será que não questionam? Consisti em que a condição de “militante” ficará posta ao bel prazer da corte racista dos EUA como “terrorista”. Será que ela em sua magnificência despertou a ira da supremacia? E, por que retomar o debate? Pois, essas historias devem ser repudiadas, hoje, descobre-se o quanto estamos vulneráveis de todas as formas, seja pelas Leis, pela educação, pela segurança, enfim nossas crianças correm perigo, por tudo isso, é prudente vigiar e instruir para honrarmos a renascença africana.

Ante essas reflexões lembremos o artigo do profícuo professor Renato Nogueira⁴⁰ (2010) intitulado *Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado*, onde ele apresenta algumas possibilidades para as três grandes áreas do conhecimento postas pelo PCN, bem como: línguas códigos e suas tecnologias (língua portuguesa, língua estrangeira moderna, educação física e artística); Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias (Biologia, química matemática e física) Ciências Humanas e suas tecnologias (História, geografia, sociologia e filosofia).

Sobre a primeira, línguas códigos e suas tecnologias ele nos fornece algumas dicas práticas e prováveis para execução,

Língua portuguesa e língua estrangeira moderna podem debater os conflitos de línguas, os processos de colonização e transposição das línguas europeias para os países africanos. Problematizar a noção de “dialeto”, uma designação discriminatória e eurocêntrica que desumaniza os povos africanos, negando o estatuto de língua para idiomas como youruba, swahili, tonga, quimbundo, benguela, etc. Essas disciplinas podem sugerir textos que debatem o valor da oralidade. [...] ler a tradição criot, situando o papel da palavra. Articular língua oral e língua escrita avalia-las sem hierarquizações. (JUNIOR, 2010, p. 8)

Na educação física e artísticas,

Pode explorar o papel dos jogos como um rito de passagem que oferece apoio aos jovens na transição para a vida adulta através de experiências intergeracionais. [...] A educação física pode trabalhar as línguas corporais, concepções africanas de corpo, tal como a noção de *ara* presente na tradição yorubá, o lugar da dança na vida social e comunitária, atividades

⁴⁰ Doutor em Filosofia, UFRRJ – Universidade Rural do Rio de Janeiro

físicas em prol da integração e socialização do bem estar. Ensinar jogos africanos como mankalas (JUNIOR, 2010, p. 9)

Educação artísticas é uma disciplina que pode explorar todas as expressões artísticas, contribuindo para uma historiografia que localize artistas africanos (os) no contexto internacional. Expor a tradição griot, explicitando como a atividade intelectual é inseparável da expressão artística, explorando o papel da música no repertório de cosmovisões de povos como o Songhai, apresentar como a tradição griot se mantém no Senegal. Situar o vasto repertório africano na história da escultura, desde a produção artística do povo Nok até as expressões contemporâneas (Idem, p. 9).

Portanto, essa é uma breve dimensão de atividades que podem ser desenvolvidas com apenas essa área específica do conhecimento, pois bem, partindo para segunda área há também um vasto percurso de volta as raízes apontadas pelo autor, que merecem uma admirada atenta e esperançosa aos olhos de quem almeja *o boom* afroepistemológico, uma nova abordagem curricular tal como no campo da Ciência da Natureza, Matemática e suas tecnologias,

Biologia pode explorar a construção “científica” e desconstrução do conceito de raça, debater o evolucionismo e situar a África como berço da humanidade, a dispersão da humanidade a partir do continente africano, problematizar a eugenia, debater o racismo e os elementos que foram utilizados para criação do racismo “científico”. [...] A disciplina de física pode ser uma das responsáveis pelo estudo de seus conceitos através da confecção de instrumentos musicais africanos, tal como a kalimba, o djembê, o dundu, Kisanji, analisando o tema de ondas mecânicas e acústicas. (Idem, p. 9)

Na química e matemática,

Química é uma disciplina que pode mergulhar na análise da composição dos remédios das tradições médicas africanas, por exemplo, analisar os unguetos e chás medicinais do povo Benguela e Baxincogos. A química pode demonstrar a sua importância na pesquisa dos testemunhos arqueológico, articulada com a biologia e história pode trabalhar para compreensão do uso do carbono 14 para a datação de artefatos e estudo de civilizações da antiguidade. A matemática pode explorar o campo de estudo da etnomatemática, investigando as ideias matemáticas nos mais diversos contextos sociais e culturais. (Idem, p. 9)

Com isso, podemos ser otimistas e acreditar que uma revolução educacional no viés africano é admissível, portanto, recorrer a uma pedagogia que reedue e eduque como a profecia ávida de Marcus Garvey em seu texto: Eduque-se, é o mesmo que enegrecer toda uma conjuntura ao despertar o sentimento de auto reconhecimento de protagonistas da história a nível micro e macro, local e global. Ou seja, apreender como via de regra em todo e

qualquer lugar que afrocentrar é parâmetro, logo critério. Basta, para isso, termos a presença africana.

No mundo essa presença é latente em alguns lugares fora do continente africano, entre estes, o Brasil é um desses locais responsáveis pela presença massiva da representatividade negra na diáspora o que nos impulsiona ou deveria a solidariedade, empatia, fidelidade, espiritualidade e ancestralidade com a terra mãe. Nesse sentido, destrinchando as estratégias para a grande área das Ciências humanas e suas tecnologias, ainda assim, Renato Nogueira é instrutivo com esse ouro de conhecimento que precisa ser lapidado, como bem nos demonstra,

As disciplinas de Filosofia, Geografia, História e Sociologia podem, além de dialogar, propor pontos de partida epistêmicos nitidamente afrocentrados. A disciplina de história deve problematizar e/ou recusar os critérios ocidentais que abordam a África a partir de periodizações eurocêntricas. Apresentar periodizações africanas, por exemplo: a Etiópia tem um calendário próprio, todos os meses têm 30 dias, e, em setembro de 2010, o etíope comemorou a passagem do ano de 2002 para 2003. [...] Analisar modos de produção e sistemas de organização social e regimes políticos que não sejam orientados pelos padrões modernos esquerda e direita, democracia, capitalismo e socialismo, etc. (JUNIOR, 2010, p. 10)

Geografia, sociologia e filosofia,

A disciplina de geografia também pode problematizar seus conceitos, propondo eixos africanos. Por exemplo, no caso do mapa mundi, o mais comum situa o norte em cima, aumentando as dimensões de algumas regiões e diminuindo outra. Podemos ver comparando os mapas de Mercator com o de Arno Peters (seguem adiante) que a projeção feita por Mercator amplifica o norte e diminui o sul. No de Peters, existe uma proporcionalidade que contempla as dimensões geográficas, a escala não hipertrofia o norte; mas, inverte colocando-o na parte inferior. A escolha de uma ou outra configuração não é neutra, nem um ato isolado de um suposto “sujeito universal” de conhecimento. Mas, uma ação política, e como tal, pode e deve ser lida a parte de olhar afrocentrado, com o intuito de enriquecer o debate em torno da geograficidade subjacente ao conceito de raça. Por essa razão, é mais decisivo se suliar ao invés de nortear; porque os termos estão inseridos no contexto em eleger o norte e, especificamente, a Europa como o centro civilizatório mundial. (JUNIOR, 2010, p. 11)

A disciplina de sociologia pode analisar diversos fenômenos sociais, estimular estudos antropológicos e da área de política que foquem as relações etnicorraciais na sociedade brasileira. Uma análise de dados e autoras e autores relevantes do campo sociológico. Por exemplo, uma leitura do sociológico Guerreiro Ramos buscando um exame da ideia de que a negritude é um “lugar” na sociedade brasileira. (Idem, p. 11)

[...] A filosofia é uma disciplina que pode estudar filosofias africanas, analisar a tese que que a filosofia nasce na Grécia antiga, debater as

influências do pensamento egípcio na filosofia de Platão e entre os primeiros filósofos gregos, problematizar e compreender os critérios que definem que tipo de pensamento podem ou não ser enquadrados dentro da filosofia.

Frente a essas inúmeras maneiras de trabalhar os conteúdos dentro das áreas peculiares do conhecimento apresentadas pelo autor, ratifica-se a autoridade e respaldo africano de educar nosso povo em toda e qualquer circunstância, oferecendo e apontando caminhos em um país em que estatisticamente as pessoas negras são majorias, então, localizar o currículo é da margem para uma ruptura epistêmica, mas, sobretudo, encontrar-se enquanto povo. Por tudo isso, a afrocentricidade se apresenta metaforicamente como argila (planos de cursos) na mão de oleiros (professor/a).

Enfim, a afrocentricidade humaniza a ciência com suas ações, a ideia foi dada! Agora é chegar junto para não perambularmos e sermos vacilantes com a proposta acurada e preservada da afrocentricidade aqui apontada. Pois a sua voz/escrita, sentimento/razão precisa ser ouvida, dita, para não ser extirpada da escola, academia, ciência, enfim da terra.

CAPÍTULO 5 - DAS CRÍTICAS À AFROCENTRICIDADE: UMA REFLAXÃO NECESSÁRIA

Toda ideologia, concepção, pressuposto, paradigma, abordagem, deve essencialmente estar aberta a possibilidades, não se reduzir apenas a uma definição dogmática, o que levaria a limitação de determinado pensamento ou criaria entraves em seu potencial enquanto conceito. O bom da afrocentricidade que ela não se resume em si mesma. Rotular a afrocentricidade é diminuí-la, quando não é bem explicada e abordada.

No entanto, falar de preto (a) dentro da academia e em qualquer outro espaço historicamente sempre foi visto como algo secundário, nada preponderante. Dessa forma, apontam-se frequentemente lacunas na abordagem afrocentrada, sendo ela alvo de inúmeras críticas, principalmente, pela camada que desesperança a afrocentricidade como motor transformador. Existe o esforço intelectual para desqualificá-la e deslegitimá-la a todo tempo.

Das acusações comumente realizadas à afrocentricidade, a questão do rigor ao método sempre é levantada porque é considerada como o pilar da forma de fazer pesquisa pelo pesquisador (a) especialmente o contemporâneo, a qualidade atende essas prerrogativas. Outra questão, diz respeito sobre serem autodidatas, explorando a capacidade autônoma sem preceitos acadêmicos a seguirem, com total despreendimento de rituais e métodos estabelecidos. Também, segundo os críticos “os escritores afrocentrados são comumente denunciados como mero criadores de mitos que atribuem aos povos negros um passado glorioso que nunca existiu” Finch III (2009, p. 169).

Sobre isso, merece um adendo, a afrocentricidade tem por obrigação glorificar este passado que é negado, se for diferente, não é a afrocentricidade. “Já que o afrocentrista se sente incumbido da tarefa de consertar o registro histórico, distorcido por escritores eurocêntricos que relegam aos negros à lixeira da história humana.” Finch III (2009, p. 169) Portanto, advogar outro passado é muito cinismo, são assombrosas as afirmações mentirosas ditas sobre a África e os africanos (a), “já se disse até que os negros se beneficiaram de serem escravos dos europeus, pois esse processo lhe trouxe a civilização” (Idem, p. 169).

Esse pensamento se reverbera no Brasil de forma velada, ou melhor, explícita, quando enaltecem a diversidade, mestiçagem brasileira, isto é, a junção dos indígenas, africanos escravizados e portugueses. Além do processo imigratório “italianos, alemães, espanhóis, árabes, sírio - libanês, oriental (em especial os japoneses)” (MUNANGA, 2012, p. 11). Contudo, essa tríade branco-índio-negro exaltada por tantos brasileiros e nos programas

televisionados da rede Globo, a exemplo, do programa Esquenta⁴¹. É resultado da cultura do estupro, em que as mulheres negras e indígenas eram submetidas a atrocidades pelos “senhores”, sendo violentadas, forçadas a se relacionarem com irmãos, pais, avôs, visando também, a produção de mão de obra. Quanto mais escravizados mais trabalho escravo.

A “mulata”, “cabo verde”, e tantas outras nomenclaturas que conhecemos hoje é em decorrência dessa mistura cruel, forçada. Todos os povos que foram literalmente invadidos pelo homem branco colonizador ficaram e estão adoentadas. As imigrações com a anuência do governo brasileiro ao fundo tinham o objetivo de branquear a população brasileira, acreditava-se que essa seria uma estratégia de melhoramento da raça, ou no melhor dos casos os negros esvaeceriam com a mestiçagem. Dado que, pretenda aprofundar a discussão ver Munanga (2008) *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil identidade Nacional x identidade Negra*. Em contrapartida, a essa obra relevante do Munanga, publicada no Brasil, importante para elucidar dúvidas e assuntos referentes à identidade nacional ou suas identidades, posteriormente causando muito *murmurinho* e polêmica aos intelectuais, ativistas e militantes do movimento negro, foi lançado pelo jornalista e colunista do jornal O Globo Ali Kamel (2009), o livro *Não somos racistas uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*. Onde o título por si já é problemático (aliás, o K de Kamel, me lembra a Ku Klux Klan) considerando o autor diretor de jornalismo da rede globo. Um dos veículos de informação mais racistas da televisão brasileira, envolvidos em recorrentes casos de racismo, começando pela escancarada ausência de artistas negros (a) especialmente nos horários de maior audiência e prestígio. O livro na sua íntegra é hilário, mas necessário para sabermos o que explicitamente pensam, nesse sentido, uma das afirmações que sucinta um amplo debate é o nome dado a um capítulo intitulado: raça não existe.

Com efeito, observamos o que o autor argumenta em um trecho do seu livro sobre isso “o Movimento negro parece ter se esquecido disso e tem revivido esse conceito com o propósito de melhorar as condições de vida de grupos populacionais. A estratégia está fadada a nos levar a uma situação que nunca vivemos: o ódio racial.” Kamel (2009, p. 55-56). Ora, parece que o autor não mora no Brasil ou finge que não conhece a situação real que os negros vivem nesse país, pensa ele que os milhares de mortos são frutos simplesmente da luta de classes? Ou o conceito de raça, enquanto uma categoria política não existe?

Existe, e nos custa caro! Desviar é o mesmo que enveredar em um esvaziamento histórico. Contudo, insurge também que o autor imerso de seus privilégios enquanto um

⁴¹ Ver: <https://gshow.globo.com/programas/esquenta/> acesso em 16 de julho de 2018 às 01h42minmin.

homem branco, rico, no topo da pirâmide, nunca (repetindo a palavra utilizada pelo próprio) saberá o que é o ódio racial. Talvez algum dia se compadeça. Entretanto, uma vez cientes do que pensam, não gastemos tempo e energia ao invés de nutrir afeto e estratégias eficazes de emancipação alicerçadas na afrocentricidade ou qualquer outra abordagem que tenha vivamente o homem e a mulher negra enquanto centro de todo assunto a nível global.

Entretanto, existem questões que despertam a curiosidade de muitos intelectuais a respeito da África negra, precisamente, ponderar sobre é semelhante tocar em uma ferida que martiriza os afrocentrados, a exemplo dos ditos que também culpabilizam os africanos pelo comércio escravagista, isto é, o tráfico negreiro. “existe uma verdade dura e sem trégua sobre o comércio de escravos nas duas costas: ele não poderia ter acontecido sem a participação ativa e voluntária das nações africanas que os comerciavam” Finch III (2009, p. 170) alude uma ideia de cumplicidade africana que divide as causas da monstruosa ação escravista entre negros e brancos, o que deixa perplexo boa parte dos historiadores.

A crítica recorrente feita a afrocentricidade diz que (eles) munidos de realçar as glórias e feitos africanos eliminam partes vergonhosas e indignas que assustam pela convivência. Essas particularidades que digerimos sobre esse passado é recebida como armadilha para minimizar a Europa da sua culpa, ou mudar o sentido real da discussão, por vezes, apresentada de forma equivocada. Aprofundando na questão o autor assinala,

Na costa atlântica, os escravagistas espanhóis, portugueses, ingleses, holandeses e franceses manipulavam várias nações africanas, fazendo-as invadir e combater uma à outro na perseguição de escravos e armando seletivamente diversos reinados africanos. Mas o comércio de escravos já ocorria na África séculos antes da chegada dos europeus, e não foi difícil - com poucas exceções - manobrar os reis africanos, levando-os a guerra contra inimigos tradicionais e outros povos vizinhos para abastecer a insaciável demanda europeia de escravos. (FINCH, 2009, p. 170)

Não podemos tapar os olhos e ouvidos para dolorosas afirmações, como assevera o autor “A sentença é clara: os reis africanos foram peças centrais e voluntárias no comércio africano” Finch III (2009, p. 171). Para tanto, percebemos que interferências endógenas foram cruciais para desencadear tais supostas participações, assim, deve-se ter o cuidado para não criar no afã da questão o autoflagelo histórico. Em tese, emergir o olhar de não idealizar o continente africano, contudo, problematizar que o maior denominador é o subterfúgio utilizado em discutir partindo de elementos que afirmam a negação.

Nesse sentido, pontua-se que “Os historiadores negros conhecem esses fatos, mas evitam examina-los ou discuti-los porque isso parece deslocar o ônus da culpa para os próprios negros, ao menos parcialmente absorvendo os europeus.” Finch III (2009 p. 171).

Mesmo que essa discussão inflame e dê uma falsa esperança aos europeus, é irreparável as consequências da máxima de horror desde o seu surgimento entre o homem branco e as civilizações africanas. Ainda que outrora tenha ocorrido uma dita cumplicidade, o papel protagonizado pela Europa ecoa até os dias de hoje. “É um equívoco colocar a cumplicidade das elites africanas no *centro* da questão, quando foram as sociedades racistas externas que suscitaram, alimentaram e definiram as condições de funcionamentos dos sistemas escravocratas e seu respectivo comércio” Finch III (2009, p. 172).

Uma coisa certa sobre a afrocentricidade que se pode notar é o desprezo, muito mais, é o medo declarado da supremacia branca com a amplitude que pode alcançar essa abordagem, não nos espantemos com as inúmeras tentativas de boicote e famigeradas fraudes compelidas contra a afrocentricidade. Ou seja, “enquanto durar a hegemonia global do Ocidente, nenhuma massa crítica de acadêmicos brancos se sentirá impelidas a examinar os princípios da afrocentricidade com um olhar destituído de preconceito” Finch III (2009, p. 175).

Apesar disso, é mister não esperarmos por tal mudança de comportamento, mas superar dentro da unidade negra as entranhas fincadas de forma nebulosa pela onda eurocêntrica. Acontece que “a afrocentricidade não é eterna ou permanente e deve ser empregada da mesma maneira que qualquer metodologia, isto é, de forma impecável, com talento, habilidade, objetivo e controle” Finch III (2009, p. 177). Portanto, toda crítica com teor colaborativo e construtivo deve ser encarada como oportunidade de amadurecimento e transgressão, no entanto, observando com riqueza de detalhes de onde e por quem é proferida, pois ao final, essa boa intenção pode ser destruidora a quem postula uma metodologia revolucionária.

AQUELE QUE APRENDE ENSINA: DAS CONSIDERAÇÕES

O sábio provérbio popular traz na sua essência questões imprescindíveis para o ato de ensinar, do ponto vista educacional isso permite interferir na realidade, porém é perturbada a ideia de ensinar aquilo que nunca foi aprendido, nem ao menos se ouviu falar como ensinar aquilo que nunca ouviu falar? Como ensinar matemática na escola se eu não aprendi matemática? Como ensinar a construir uma casa se eu não sei o que é uma casa? Como ensinar uma teoria ou pedagogia afrocentrada se nunca pensamos nem conhecemos essa alternativa? Existe alguém que teme a afrocentricidade?

As reflexões, críticas, discussões, sugestões e alternativas possíveis abordadas no percurso desse trabalho são frutos das inquietações levantadas nos objetivos da investigação, almejando *analisar a dimensão da presença/silenciamento da produção epistemológica afrocentrada no curso de Pedagogia do CFP/UFRB* partindo das análises documentais dos respectivos instrumentos: Planos de cursos, PPC e também monografias desenvolvidas e defendidas especificamente sobre a temática racial.

Para tanto, iniciamos, utilizando-se da discussão e compreensão trazida pela pesquisadora Suely Carneiro em sua tese sobre epistemicídio, que em suas palavras, define-se:

Dinâmica e produção que tem se feito pelo rebaixamento da auto estima que compromete a capacidade cognitiva e a confiança intelectual pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, nos instrumentos pedagógico ou nas relações sócias no cotidiano escolar, pela deslegitimação dos saberes dos negros sobre si mesmo e sobre o mundo, pela desvalorização, ou negação ou ocultamento da contribuições do Continente Africano ao patrimônio cultural da humanidade, pela indução ou promoção do embranquecimento cultural, etc. A esses processos denominamos, nesta tese, de epistemicidio. (CARNEIRO, 2005, p. 324.)

Assim, incorporar essa reflexão ao campo pedagógico observando todas às murmuradas percorridas pela autora é compatível com a investigação, nesse sentido, ao avançar com a proposta do trabalho alguns desafios foram precisos superar, por sinal, posteriormente se caracterizou como “achados” da pesquisa, a exemplo do silenciamento dos documentos em termos da ampla produção negra no mundo, os conceitos desapontaram, tais como: *epistemicídio* e *afrocentricidade*. Ou seja, ecoou como “novidade”, ou o cinismo daqueles que negligenciaram toda uma produção que não fosse provida da Europa. Ou, aliás, seria obviamente uma prática ou reprodução do racismo?

Desse modo, que no primeiro capítulo apresentamos uma breve trajetória do pesquisador para comunicar e discorrer como a condição de homem negro nos espaços Institucionais reflete os atributos negativos do gênero masculino, o epistemicídio, é apenas uma faceta que aproximou e encorajou a perspectiva de estudo. Trata-se, mais que tudo, de não misturar um desabafo de vida, com o projeto secular de extermínio.

O segundo capítulo, aborda aspectos do epistemicídio e afrocentricidade inerentes a pedagogia, transitando pela definição conceitual e sua relação com o chão da escola, utilizando da arte como uma possível forma de resgate da cultura e modos de mobilidade social atrelados aos princípios da afrocentricidade. No terceiro, capítulo afunila a discussão aos métodos possíveis para sua abordagem e praticidade nos espaços Institucionalizados.

No quarto capítulo, analisa alguns pormenores dos documentos e sua repercussão para o currículo e formação do licenciando em Pedagogia, apontando a necessidade de rever sua matriz e acrescentar uma teoria que seja mais próxima do seu alunado, que guie com a tônica da verdade histórica. Sutilmente examina algumas monografias, PPC e Planos de cursos demonstrando o silenciamento com o potencial das teorias africanas.

No quinto capítulo, apresenta algumas críticas que fazem parte da abordagem afrocentrada, assinalando os possíveis exageros por um continente idealizado e alguns “fatos” vergonhosos para a própria história dos escravizados e sua diáspora. Entretanto, nada que apague o escândalo do genocídio negro no mundo pelas mãos da supremacia branca. Por fim, o trabalho propôs evidenciar como alternativa a força do paradigma afrocentrado como sustentáculo de outra narrativa da história, não mais como recorte de pauta educacional, mas de fato, como epicentro de qualquer discussão no mundo. A pesquisa foi necessária em sua crítica fundada na afrocentricidade ao demonstrar através dos aparatos legais o seu racismo Institucional, curricular e, sobretudo, pedagógico. Logo, respondendo questões iniciais da pesquisa. Contudo, o que concomitantemente possibilita ponderar sobre projeções futuras acerca da atuação profissional em salas de aula da educação básica até os bancos universitários.

Entretanto, feito devaneios, algumas questões emergem produto do trabalho, porém carregam uma profunda responsabilidade que a essa altura já cabe aos leitores responderem. Bem como, qual Pedagogia queremos? Qual criança é pauta da nossa reflexão? Será possível uma radicalização das Instituições brancas? É possível denegri-las? Ou devemos realmente construir nossa própria Instituição, com os olhos voltados e centrados para onde viemos (Sankofa), ou seja, para a o continente africano?

REFERÊNCIAS

ASANTE, Molefi. **The Afrocentric Idea**. Philadelphia: Temple University Press, 1987.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de meu pai: África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BENECDITO, Ricardo Matheus. **Afrocentricidade educação e poder: uma crítica afrocêntrica ao eurocêntrismo no pensamento educacional brasileiro**. Orientação Antonio Joaquim Severino. São Paulo: s.n., 2016.

BIKO, Steve. **Escrevo o Que Eu Quero**. São Paulo: Ática, 1990.

CALADO, Sílvia. FERREIRA, Sílvia. **Análise de documentos: Método de recolha e Análise de dados**. Metodologia da Investigação I – 2004/2005.

CARNEIRO, Suely Aparecida. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Feusp. 2005. (Tese de doutorado).

CRUZ, Jolane Mota Alves. **As políticas de permanência no Centro de Formação de Professores- CFP da Universidade Federal do recôncavo da Bahia – UFRB. Sujeitos: Pertencimento e Protagonismo**. Monografia (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do recôncavo da Bahia, Amargosa, 2013.

CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do. **História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkras**. Salvador: Artegraf, 2016.

DAVILA, Jerry. **Diploma de brancura Política Social e Racial no Brasil 1997 – 1945**. São Paulo: UNESP, 2006.

FERREIRA, Aline Santos. **A Trajetória Educacional de Discentes Negros no Centro de Formação de Professores na UFRB em Amargosa: Sujeito e pertencimento**. Orientadora: Dyane Brito Reis. Monografia (graduação) Centro de Formação de Professores - CFP, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2012.

FILHO, Walter Fraga. **Encruzilhadas da liberdade. História de escravos e libertos na Bahia (1810 – 1910)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro à sociedade de classes**. INEP: Rio de Janeiro, 1964.

FINCH III, Charles S. Charles. **Afrocentricidade e seus críticos**, in: Nascimento, Elisa Larkin (org) **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora** (Coleção Sankofa, v. 4 – Matrizes Africanas da cultura brasileira). São Paulo: Selo Negro, 2009.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira – Salvador: EDUFBA, 2008.

- GROSGOUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Revista Sociedade e Estado – Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016.
- GARVEY, Mosiah Marcus. **Procure por mim na tempestade: de pé raça poderosa**. [Tradução: Kwame Asafo N. Atunda, Ali Kemet, Lu Isha e Afrocentricidade Internacional Bahia; Organização e notas: Douglas J. G. Araújo e Kwame A. N. Atuanda]. São Paulo: CFMG, 2017
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAKI, Madhubuti. **Educação Afrocentrada: Seu valor, importância e necessidade no desenvolvimento das crianças negras**. Journal of Education, Boston University (Vol. 172, No. 2) 1990.
- JESUS, Tânia da Silva. **Currículo: um espaço de transformação ou de reprodução da desigualdade social?** Monografia (Graduação) - Centro de Formação de Professores – CFP, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, Amargosa, 2011.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Ilustrações Vinicius Rossignol Felipe. - 10 ed. – São Paulo: Ática, 2014
- JUNIOR, Renato Nogueira dos Santos. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado**. Revista África e Africanidades – Ano 3-n. 11, novembro, 2010.
- JZ JANZ, Dones Cláudio. **O valor da eugenia: Eugenia e Higienismo no discurso médico curitibano no início do século XX**. *Cordis*. História, Corpo e Saúde, n.7, jul/dez. pp. 87-120, 2011.
- KARENKA, Maulana. **A função e o futuro dos estudos africanos: reflexões críticas sobre sua missão, seu significado e sua metodologia**, in: Nascimento, Elisa Larkin (org) Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora (Coleção Sankofa, v. 4 – Matrizes Africanas da cultura brasileira). São Paulo: Selo Negro, 2009.
- KAMEL, Ali. **Não somos racistas uma reação aos que querem nos transformar numa não bicolor**. Rio de Janeiro. Lucas Bandeira, 2016.
- LDB: **Lei de Diretrizes e bases da educação nacionais**. – Brasília: Senado Federal, coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- LINS, Robson Oliveira. **A região de Amargosa: Transformações e dinâmica atual (recuperando uma contribuição de Milton Santos)**, Orientador; Prof. Dr Sylvio Bandeira de Mello e Silva. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociência, Salvador, 2008.

- LAVILLE, Christian. **A construção do saber manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Christian e Jean Dionne; Tradução Heloísa Monterio e Francisco Settineri – Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. [3.ed] - São Paulo: Gaudí Editora, 2012.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2. Ed São Paulo: Ática, 1998.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MOORE, Carlos. **A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro**. 2º ed. ampliada. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- MOORE, Carlos. **O marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão** – Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010.
- MAZAMA, Ama. **Afrocentricidade como um novo paradigma**, in: NASCIMENTO, Eliza Larkin (org) Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora (Coleção Sankofa, v. 4 – Matrizes Africanas da cultura brasileira). São Paulo: Selo Negro, 2009.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritudes e identidades negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?** Conferência de abertura proferida no III Pensamento África e Suas Diásporas – Encontro de Antropologia e Educação – I Seminário Municipal de Formação de Professores Para relações Étnico-Raciais – Organizado pelo Núcleo de estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de Ouro Preto – de 26 a 28 de setembro de 2012.
- MENEZES, Jaci Maria Ferraz. SANTANA, Conceição Elizabete. AQUINO, Sacramento Mariado. (org). **Educação, região e territórios: formas de inclusão e exclusão**. Salvador: EDUFBA, 2013.
- MATOS, Luma Silva. **Currículo e Formação: um estudo da matriz curricular do curso de pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia na perspectiva da lei 10.639**. Orientadora: Dyane Brito Reis Santos. Monografia (graduação), Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do recôncavo da Bahia, Amargosa, 2013.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O olhar afrocentrado: Introdução a uma abordagem polêmica**, in: Nascimento, Elisa Larkin (org) Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora (Coleção Sankofa, v. 4 – Matrizes Africanas da cultura brasileira). São Paulo: Selo Negro, 2009.
- NEGOENHA, Severino Elias. **Emancipação**. In: SANZOANE, Lívio. FURTADO, Cláudio. Dicionário crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa; prefácio, Lilia Moritz Schwarcz; apresentação [Feita pelos organizadores], com a colaboração de Tereza Cruz e Silva – Salvador EDUFBA, 2014.
- OLIVEIRA, Carlos Adriano da Silva. **Negro (A). Eu? Um Estudo Sobre as Representações Sociais da Identidade Étnico-Racial entre Alunos e Alunas de 5ºano de uma Escola**

Pública em Amargosa-BA. 87f. il. 2010. Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Formação de Professores, Amargosa, 2010.

OLIVEIRA, Anderson Ribeiro. **A história da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática.** Estudos *afro-Asitaticos*, Ano 25, nº 3, 2003, p. 421 – 461.

PASSOS, Thyanna Silva dos. **O currículo do curso de licenciatura em Pedagogia do Centro de Centro de Formação de Professores e suas implicações no processo formativo para atuação na educação infantil.** Monografia (Graduação) – Centro de Formação de Professores – CFP, Universidade Federal do recôncavo da Bahia – UFRB, Amargosa, 2012.

PAIVA, Marília. **Um olhar sobre “epistemologias do sul” do Boaventura de Souza Santos.** Revista Unira. Volume 18, nº 1, julho de 2015.

Programa de Formação política Caderno de Formação básica – Nível básico, **GT Panafricanista Movimento Negro Unificado** – MNU 30 anos

RACIONAIS MC’s. **Sobrevivendo no inferno.** São Paulo: Costa Nostra, 1997.

REBOUÇAS, Jaqueline Argolo. **(Re) criando identidades: Amargosa, de pequena São Paulo à Cidade Jardim (1930-1950)** – Santo Antônio de Jesus, 2013.

ROCHA, Eduardo. **“Programado pra morrer” a vida e a morte da juventude negra.** In: PINHO, Osmundo. Vargas, João. (org) Antinegitude: o impossível sujeito negro na formação social brasileira – Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** – 8. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza Santos. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna.** Porto: Afrontamento, 1989.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso Sobre as Ciências.** 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Revista Crítica de Ciências Sociais, 78, Outubro 2007.

SOARES, Emanuel Luís Roque. **As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação** – Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

SANTOS, Edmar Ferreira. **O poder dos Candomblés: Perseguição e resistência no recôncavo da Bahia** – Salvador: EDUFBA, 2009.

SILVA, Maria. **Afrocentricidade: um conceito para a discussão do currículo escolar e a questão étnico-racial na escola.** Ver. Edu. PUC-Camp, Campinas, 21 (2): 255-261 maio/ago. 2016.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático.** 2.ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTOS, Donizth Aparecida. **Panafricanismo e movimentos culturais negros.** ANACTA Guarapuava Paraná, v.8 n° 1 p. 67-68 jan./jan. 2007;

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização do pensamento único à consciência universal.** 16ª. ed – Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTANA, Jardeline Garcia. **A formação do “Ser negr@ e suas omissões na sala de aula: Análise da construção da identidade racial em uma escola municipal de Amargosa-Bahia.** Monografia (graduação) – UFRB-Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/CFP – Centro de Formação de Professores, 2013.

SOUZA, Maria Joseni Borges de. **A construção da identidade do aluno negro em uma escola do campo.** Monografia (graduação) - Centro de Formação de Professores - CFP, Universidade Federal do recôncavo da Bahia - UFRB. Amargosa, 2010.